

DINA MARIA DA SILVA

Ascensão Social e os Conflitos de Gênero e Raça
MULHERES NEGRAS EM MATO GROSSO DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Campo Grande/MS
2003

DINA MARIA DA SILVA

Ascensão Social e os Conflitos de Gênero e Raça
MULHERES NEGRAS EM MATO GROSSO DO SUL

Dissertação apresentada como exigência final
para obtenção do grau de Mestre em Educação à
Comissão Julgadora da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul sob a orientação da Prof^a.
Dr.^a Ana Maria Gomes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Campo Grande - MS
2003

DEDICATÓRIA

*Às Mulheres Negras,
Ao Movimento de Mulheres Negras,
Às que padecem com as discriminações,
Às que lutam por equidade de oportunidades,
Às mulheres Negras vencedoras,
Às que são sucumbidas pelas barreiras sociais,
À todas as mulheres do mundo.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo esforço e insistência em manter qualidade e rigor científico nas pesquisas acadêmicas. Em especial ao professor Drº Antônio Carlos do Nascimento Osório e a professora Dr.^a Ana Maria Gomes pela capacidade de saber compreender as dificuldades e os limites humanos. E a professora Dr.^a Ana F. Valente pelo incentivo intelectual e principalmente pela convicção de que a pesquisa sobre ascensão das mulheres negras teria relevância e espaço no momento atual, acreditando que essa ascensão só poderia ser estudada dentro das contradições eminentes de uma determinada sociedade.

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre as condições sociais e raciais da Mulher Negra em Mato Grosso do Sul, delimitando-se aquelas que cursaram o ensino superior e destacaram-se em suas atividades profissionais. Descreve as dificuldades e barreiras relacionadas às questões de gênero e de raça para o alcance dessas posições. Em virtude disso, uma parte do estudo mostra a história da submissão e resistência feminina, outras inclinam-se para as discussões entre educação e ascensão social, considerando que essas mulheres recorreram a educação como meio para se especializarem nas suas profissões e superarem as questões raciais. A preocupação fundamental centra-se na reflexão sobre as contradições dos discursos teóricos e daqueles ditos pelas mulheres sujeito desta pesquisa. A constatação final revela que a ascensão social está mais para mito que para realidade, especialmente, ao verificar que por trás da conquista profissional se esconde histórias de dificuldades devido as condições econômica, social, de gênero de raça, bem como outros mecanismos, enfatizando que a maioria delas estão inseridas nos serviços públicos, atuando como professora. Nesse caso esta profissão, sofreu com o tempo, enormes desvantagens, principalmente nas condições de trabalho e de aviltamento salarial, retornando as questões definidoras do racismo.

Palavras chaves:

Mulher Negra, Educação, Ascensão Social

ABSTRACT

One is about a study on the social and racial conditions of the Black Woman in Mato Grosso of the South, delimiting itself those that had attended a course superior education

and had been distinguished in its professional activities. It describes the difficulties and barriers related to the questions of sort and race for the reach of these positions. In virtue of this, a part of the study shows to the history of the submission and feminine resistance, others inclines for the quarrels between education and social ascension, considering that these women had appealed the education as half to specialize themselves in its professions and to surpass the racial questions. The basic concern is centered in the reflection on the contradictions of the theoretical speeches and those said by the women subject of this research. The conclusion verify discloses that the social ascension is more for myth that stops reality, especially, when verifying that for backwards of the professional conquest if hides histories of difficulties due the conditions economic, social, of sort of race, as well as other mechanisms, emphasizing that the majority of them is inserted in the services, acting as teacher. In this in case that this profession, suffered with the time, enormous disadvantages, mainly in the conditions of work and wage lowering, returning the defining questions from racism.

Words keys: Black Woman, Education, Social Ascension

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I CONSIDERAÇÕES TEÓRICA ACERCA DO OBJETO.....	11
1. METODOLOGIA E TÉCNICA EMPREGADAS NA PESQUISA.....	16
CAPÍTULO II HISTÓRIA DA SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA FEMININA.....	19
CAPÍTULO III O MITO DA IGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	28
1.CONTRA-SENSO NA EDUCAÇÃO.....	41
CONCLUSÃO.....	46
ANEXOS.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	11

INTRODUÇÃO

A idéia inicial do estudo era conhecer a história de mulheres negras com mais de 40 (quarenta) anos de idade e que conseguiram ascensão profissional através da educação, levando em conta que a maior parte dessas mulheres encontravam com mais facilidade, empregos nas atividades domésticas. Nesse caso, teriam que ter cursado o ensino superior e estarem inseridas em uma determinada profissão. Foram feitas 09 (nove) entrevistas, entre elas, 06 (seis) eram professoras, 02 (duas) empresárias e 01 (uma), administradora de empresa. Mas a idéia inicial foi sendo modificada, na medida em que as entrevistas iam sendo realizadas, ao descobrir que a ascensão passava muito mais pelo caminho das dificuldades do que pela glória da conquista. Ao mesmo tempo em que se amadurecia o entendimento de que a instituição escolar em concomitância com as demais instituições ofereciam resistência para ascensão dessas mulheres, bem como para as camadas mais pobres da sociedade. E quando entraram para o Magistério, este já havia sofrido enormes desvantagens com o aviltamento dos salários.

Dessa forma, a atenção pairou sobre as dificuldades e barreiras enfrentadas pelas mulheres negras para cursar o ensino superior e conquistar um emprego. Não descartando a idéia de ascensão, já que a conquista do estudo e do trabalho melhorou a posição social

e econômica dessas mulheres, mas tomando cuidado para não cair na ingenuidade de entender que esta ascensão foi facilitada pelo sistema político-educacional. Se essas mulheres chegaram até aí, é porque essa conquista não abalava mais esse sistema, apenas o reforçava, por exteriorizar uma sociedade que avança no plano democrático e na efetiva obtenção da igualdade entre as pessoas. Entretanto as condições de oportunidades se estreitam, ficando apenas no campo teórico, mas dando a impressão que todos recebem as mesmas chances para alcançar uma posição social. Idéia logo desluzida, no momento da comprovação das afinidades (cultural - econômica e social) e que estas estejam em consonância com o plano da estrutura educacional.

O estudo do universo das mulheres negras em questão passa pelo universo feminino mundial, demonstrando que essa história foi marcada pela relevância secundária da mulher. E com o recorte de gênero e raça, verifica-se que as mulheres negras apresentam uma história distinta do universo feminino em geral, acrescida pela origem e pela cor. Construiu-se assim, uma representação específica para estas mulheres, com simbologia do contexto colonial. Assim sendo, concorda-se que as condições de dificuldades se acirram, somadas às dificuldades financeiras.

Essas condições fazem parte da história cultural, em um tempo, foram condições de igualdade entre homens e mulheres, em outro, as mulheres se viram subordinadas pela condição do sexo e da cor, revelando que essas relações servem para garantir o poder estabelecido pelas instituições, (Estado, Igreja, Escola e Família). É aí que surge o

discurso de subordinação e logo conquistam representantes para disseminar seus ideais.

Assim encaramos este projeto, procurando recontar a história da submissão feminina e estreitando-se para o recorte de gênero e raça, descrevendo que essas relações comportam homens e mulheres. Ambos são seres formados com a cultura, de acordo com tal, assumem posturas diversificadas. A mulher ao longo da história viu-se participando em menor número das decisões políticas e da produção social, mas, no entanto, acumula poder de resistência, buscando saídas para as dificuldades de gênero ou de raça.

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO OBJETO

A idéia regente nesse estudo é a de verificar a situação de algumas mulheres negras inseridas no mercado de trabalho em Mato Grosso do Sul e para chegar mais próximo possível do objeto foi necessário buscar reforço nas relações de Gênero e de Raça. Ambos encarados como sendo categorias de estudo ou como referencial teórico, auxiliados pelos estudos de Michel Foucault no que se refere ao enfoque das estruturas e das relações sociais, entendendo que essas relações são oriundas das práticas sociais, portanto históricas e forjadas no cotidiano individual e coletivo. Depois que, essas

práticas servem para assegurar, consolidar e legitimar o poder para aqueles que detém o domínio dos bens econômicos. Por fim, essas relações são aceitas por imposição ou por convencimento, criando com isso formas de resistências que recriam outras formas de relações sociais, ou aprofundam as já existentes.

As relações de gênero e de raça são entendidas como interação entre homens-mulheres, negros-brancos, consideradas como relações específicas e ao mesmo tempo, como parte integrante das demais relações (econômicas, sociais e políticas), específicas porque as mulheres negras fazem parte de um determinado contexto cultural herdado de seus antepassados com uma história diferenciada das outras etnias, devido ao passado de escravidão e um presente marcado por atitudes de discriminação racial. Todavia, para se servir do termo gênero é necessário ter em mente as diferenças biológicas e culturais das mulheres perante os homens. Diferenças que legou à mulher uma história de resignação e submissão. Quanto à utilização do termo raça, é imprescindível considerar que as desigualdades raciais são construídas também nas práticas sociais, por conseguinte, relações históricas e culturais.

Nessa concepção, o homem e mulher são seres historicamente determinados, isto é que se desenvolveram e vivem em determinadas condições, num determinado complexo social ou conjunto de relações sociais, reafirmando que, as relações de submissão ou discriminação por raça são frutos de construções culturais que são renovadas, avivadas ou sucumbidas de acordo com interesses de grupos dominantes e que são implantadas

lentamente no cotidiano das pessoas e aceitas como sendo uma necessidade de todos, mesmo havendo resistências, paulatinamente os costumes são transformados em outras necessidades individuais ou coletivas, assim todas as relações estão interligadas, mas sofrem efeitos diferenciados, especialmente no que se refere a raça ou gênero.

(ROSEMBERG, 1996, p.19-20), diz que as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” como forma de referir-se à organização social da relação entre os sexos, questionando o conceito de determinismo biológico sobre as diferenças sexuais, interpretando as relações entre homem e mulher como formulações culturais resultante da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais. Nesse mesmo sentido (VIEZZER, 1989, p.108-116) interpreta o termo gênero, incorporando a dimensão de gênero ao plano das relações sociais. Desse modo, a autora afirma que o problema de subordinação não está na mulher, assim como o problema racial não está no negro, mas nas pretensas formas de organização e de convívio, isto é, de exploração e dominação criadas, mantidas e atualizadas pelas sociedades que, através dos tempos, legitimaram a superioridade e a conseqüente dominação dos homens sobre as mulheres, dos brancos sobre os negros e da classe dominante sobre a classe popular.

Para Juan Scott (1996), o interesse pelas categorias de classe, raça e de gênero assinala um compromisso dos pesquisadores com uma história que inclua os oprimidos, considerando que as desigualdades estão organizadas, no mínimo, sobre esses três eixos. Assim, em lugar de procurar as origens únicas, diz ela, temos que conceber que os

processos estão ligados entre si. São esses processos que devem estar sempre presentes na nossa mente, perguntando freqüentemente como as coisas aconteceram para descobrir por que elas aconteceram. Essa visão possibilita reflexões, porque sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça.

Com relação ao termo raça, concordamos com a idéia de (GUIMARÃES, 1999, p. 19-46) que diz ser possível construir um conceito de “raça” pelas ciências sociais, prescindindo de qualquer fundamentação natural ou biológica. Para ele, os que se opõem ao uso do conceito de “raça” pelas ciências sociais, fazem-no ou porque a Biologia nega a existência de raças humanas ou porque considera essa noção tão impregnada de ideologia opressiva que só serviria para justificar as desigualdades entre os grupos. Por outro lado, os que defendem a utilização do termo pelas ciências sociais enfatizam, em primeiro lugar, a necessidade de demonstrar o caráter específico de um subconjunto de práticas e crenças discriminatórias e, em segundo, o fato de que, para aqueles que sofrem ou sofreram os efeitos do racismo, não há outra alternativa senão reconstruir, de modo crítico, as noções dessa mesma ideologia.

Para estudar “raças” não se deve ignorar a especificidade da idéia de natureza que fundamenta o racismo, como ensina (GUILLAUMIN, 1992, p.192), dizendo que a idéia de natureza (e de grupo natural) não pode ser eliminada das relações sociais, onde ocupa - mesmo que nos repugne ver - um lugar central. Ideologicamente escondida (já que a

ideologia se esconde sob a ‘evidência’), a forma ‘natural’, quer seja do senso comum ou já institucionalizada, constitui o âmago dos meios técnicos que utilizam as relações de dominação e de força para se impor aos grupos dominados. Por muito tempo a idéia do natural se sobrepôs ao cultural, dificultando distinguir os limites de ambos.

Mas até o século XIX, seguindo as referências de (GUIMARÃES, 1999, p.46), não havia dúvidas de que as “raças” eram subdivisões da espécie humana, grosso modo identificadas com as populações nativas dos diferentes continentes, caracterizadas por particularidades morfológicas, tais como cor da pele, forma do nariz, textura do cabelo e forma craniana. A tais particularidades físicas, juntavam-se características morais, psicológicas e intelectuais, que se supunham definir o potencial diferencial das raças para a civilização. E por ter gerado consequências tão nocivas, a reação dos cientistas (biólogos, antropólogos e sociólogos) foi renegar peremptoriamente o conceito raça. As diferenças só poderiam ser explicadas por diferenças culturais. Surgem os conceitos de “população”, em biologia, e de “etnia”, em ciências sociais, deveriam, portanto, substituir o conceito de “raça”. E “raça” passou a significar “garra”, “força de vontade”, ou “índole”, mas quase nunca “subdivisões da espécie humana”, as quais passaram a ser designadas, apenas pela cor da pele das pessoas: brancas, pardas, pretas, etc. Cores consideradas também, realidades objetivas, concretas e inquestionáveis, sem conotações morais ou intelectuais, que - quando existentes - passavam a ser reprovadas como “preconceitos”. Tornou-se comum, entre os brasileiros, a afirmação de que as raças não

existem, e de que o que importa, em termos de oportunidades de vida, é a classe social de alguém. Mas fortes críticas do movimento negro, fez o termo “raça” voltar a ser importante para as ciências sociais.

Aparece a necessidade de teorizar as “raças” como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa idéia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações humanas. Dessa mesma forma, o estudo sobre as relações de gênero surge como uma possibilidade de teorizar e apontar perspectivas de novos paradigmas para as ciências sociais, bem como discutir os problemas enfrentados por mulheres e homens em uma sociedade alicerçada nas desigualdades de oportunidades tanto no campo profissional como no campo educacional, onde se permitem enormes vantagens de um grupo sobre outro.

1. METODOLOGIA E TÉCNICA EMPREGADAS NA PESQUISA

Com a intenção de estudar as relações de raça e gênero, fizemos contatos com algumas mulheres negras em Mato Grosso do Sul, que relataram suas experiências de vida, ressaltando as dificuldades e as conquistas no campo educacional e profissional. Para isso, consideramos o período de mulheres que nasceram entre 1929 a 1960, que são

mulheres atualmente incluídas na faixa etária de 42 (quarenta e dois) anos a 73 (setenta e três) anos. Essas idades foram escolhidas e tomadas como parâmetros devido à compreensão de que são mulheres que já adquiriram uma certa configuração e participação no mercado de trabalho e com a formação de um curso superior, perfazendo o total de 09 (nove) mulheres inclusas nesse perfil.

Por se tratar de um estudo que procura identificar dificuldades e barreiras vivenciadas pelas mulheres negras no trabalho e na educação, realçando a situação de gênero e de raça, é fundamental que se escolha uma metodologia condizente com tais preocupações. E o caminho escolhido foi à pesquisa qualitativa, reconhecendo que esta trabalha com um universo pequeno, porém não desvinculado das demais relações sociais, concordando nesse caso, com a idéia de que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (Minayo, 1994, p.21-22), demonstrando com isso que o grupo de mulheres negras pesquisadas têm uma história singular mas que faz parte das estruturas sociais correspondentes a cada sociedade em cada tempo.

Outro motivo pela escolha dessa metodologia foi porque permite trabalhar com discursos, “contrastando com a prática dos sujeitos sociais, em uma abordagem que atua em nível dos significados e das estruturas”. (MINAYO, 1993, p.240), permitindo

também verificar como um determinado problema se manifesta nos procedimentos e nas interações cotidianas, se aproximando de questões relativas à raça e gênero, e de como essas relações estão refletidas nas práticas sociais. Dessa forma, nos embrenhamos também pelo estudo de caso, o qual, acomoda números menores, não importando a quantidade mas se interessando pelas práticas cotidianas e considerando da mesma forma, as práticas, os atores sociais e as dimensões simbólicas no seu tempo real.

Antonio Carlos Gil (1989, p.78-79) aponta o estudo de caso como sendo “um estudo profundo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo..., idéia que se fundamenta na análise de uma unidade de determinado universo mas que possibilita a compreensão da generalidade do mesmo”. Entendemos que as falas das mulheres pesquisadas estão imbuídas de valores culturais e de representações sociais que embora sejam aqui amparadas pelo estudo de caso refletem experiências coletivas praticadas nas relações mais abrangentes de um contexto social.

A técnica empregada foi a de entrevista, onde a pesquisadora lançou mão de algumas questões relacionadas aos problemas de gênero e de raça, ficando a entrevistada livre para expor seu pensamento sobre cada questão. Enquanto técnica de coleta de dados, “a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”. (GIL in SELLTIZ, 1989, p.113).

Essa técnica permite a flexibilidade e até mesmo a expressão corporal do entrevistado. Como diria Antonio Carlos Gil (1989, p.116). “O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas quando este se desvia do tema original, esforça-se para sua retomada”. Nesse sentido foram elaboradas algumas perguntas tais como: Quais barreiras e dificuldades enfrentaram para freqüentar a escola e para a inserção no mercado de trabalho? Como era a participação da mulher negra nesses âmbitos? No que a educação contribuiu, proporcionando discussões e melhorando a situação econômica e social dessas mulheres? Essas questões foram pensadas de forma que a entrevistada se sentisse livre para falar das questões relacionadas aos problemas de raça e de gênero.

CAPÍTULO II HISTÓRIA DA SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA FEMININA

A prática da submissão feminina data de um longo período, revelando que a mulher deveria receber funções de menor importância com relação às atribuições dedicadas aos homens. Com o passar dos tempos, cuidar do próprio filho se tornou menos atraente, ficando este sobre a dependência da mãe enquanto o pai saía para caçar, considerando que, nas comunidades primitivas, a maternidade era uma função reconhecida e importante, idéia ainda presente em algumas comunidades, mas esquecidas pelas sociedades industrializadas. Há muito, recai sobre a mulher, o discurso de que esta

merece se dedicar às tarefas domésticas, formando com isso uma consciência de submissão das funções femininas.

A relação de subordinação foi fomentada pela cultura, juntamente com as práticas sociais em que as mulheres se responsabilizariam pelo nascimento e criação dos filhos, enquanto os homens pelos proventos do lar. Essa relação de submissão também se repercutiu nas funções religiosas, políticas e sociais. Ao longo da história diferentes comunidades construíram diversos modos de conceber o espaço, o tempo e a organização social dos indivíduos nesse meio. (LOURO, 1999, p.60), menciona que aos poucos as pessoas foram aprendendo as diferentes formas de valorização do tempo do trabalho e tempo do ócio; o espaço da casa ou o da rua; delimitando os lugares permitidos e os proibidos (e determinaram os sujeitos que podiam ou não transitar por eles); apontaram formas adequadas de cada um ocupar o tempo. Através de muitas instituições como Igreja, Estado e Família, juntamente com as práticas sociais, essas concepções são apreendidas e interiorizadas, tornando-se “naturais”. E a escola ao longo do tempo fez bem esse papel de ensinar e delimitar espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode ou não pode fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Dessa forma cada um foi aprendendo uma maneira de se comportar dentro dos modelos a serem seguidos. Aos dominantes o direito da inteligência e da dominação dos despossuídos; às mulheres o direito de aprender a fazer bordado, costurar, cozinhar, cuidar dos filhos e depois o direito de serem

professoras primárias.

Para (SAFFIOTI, 1987, p.12), criou-se a idéia de que as diferenças biológicas faziam da mulher uma pessoa com menos força física em um tempo em que essa força era essencial para movimentar os trabalhos no campo onde as máquinas e a tecnologia não se faziam presentes. Ainda que as mulheres tenham se dedicado à agricultura, suas funções ganharam desprezo por quase todas as sociedades. Aos poucos foram aceitando o lugar a elas reservado no contexto familiar, social e religioso. Se houve resistência contra essa forma de submissão, o discurso imbuído das práticas sociais fez questão de acalmar e a isso tem se dedicado ao longo de toda a história. Porém alguns focos de resistências, manifestado através das lutas coletivas ou individuais, apesar das dificuldades, permaneceram vivos e ressurgem na atualidade através dos movimentos sociais feministas que não aceitam a dominação biológica ou cultural da mulher.

Essa consciência foi adquirida devido ao discurso de reação gerado contra a definição de funções específicas dirigidas à mulher na família e na sociedade. É o mesmo discurso elaborado para dar vazão à submissão e limitação do papel da mulher que oferece margem para o surgimento do discurso contrário, servindo como ponto de resistência, - ‘o reverso da medalha’, assim como o discurso racista gerou os debates anti-racistas. Exemplificado aqui pela análise de Foucault (1996, p.9), dizendo que o discurso pode ser perigoso, pois serve para cercear, coibir, padronizar ou liberar vias de libertação. O discurso pode ser instrumento e efeito de poder, e também obstáculo,

escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. Ele veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. E nas brechas deixadas pelos discursos surgem diferentes formas de reações manifestadas através dos pequenos gestos e mudanças de atitudes com relação homem-mulher que aos poucos vão se encaminhando para mudanças substanciais na cultura de uma determinada sociedade.

Para Simone Beauvoir (1980), ninguém nasce mulher, torna-se mulher, por essa forma, os papéis femininos e masculinos foram criados pela cultura e de maneira alguma são modos de comportamentos natos da mulher ou do homem. (LOURO, 1999, p.22), reforça essa idéia, confirmando que a distinção biológica ou sexual serve para justificar a desigualdade social. Para ela, não se pode negar a diferença biológica, mas é preciso enfatizar que essas diferenças na maioria das vezes são construções sociais e históricas. E são construídas no âmbito das relações sociais entre homens e mulheres, nessas relações são também arquitetada, as desigualdades de classe de raça e de gênero.

(BOURDIEU, 2002, p.46-50) ao falar da dominação masculina revela-nos que as estruturas de dominação são produtos de um trabalho incessante, (histórico) de reprodução para qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como violência física e a violência simbólica) e Instituições, Famílias, Igrejas, Escola e Estado participam da propagação e permanência dessa forma de dominação, fazendo às relações de dominação serem vistas como naturais. E que a dominação

masculina e a submissão feminina só pode ser compreendida dentro dos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre a mulher e homem. Ou seja, a submissão é resultante das estruturas geradas em um determinado tempo e espaço. E sua eficácia se deve aos mecanismos que essas estruturas desencadeiam e contribuem para a sua reprodução.

A reprodução desses mecanismos recorrendo novamente a Foucault (1988, p.91-96), são incorporados nos gestos e desejos que são veiculados através do poder no qual o indivíduo está diretamente ligado. Poder que é ao mesmo tempo efeito e centro de transmissão, e que não se encontra em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de reações, mas lhes são imanentes; efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios. E todo poder se exerce com objetivos, não significando com isso que a escolha ou decisão de um sujeito seja realizada individualmente. Mas as relações também tem pontos de resistências que muitas vezes debilitam ou servem de instrumento de poder. Da mesma forma que um debate pode favorecer ao poder constituído, pode também servir para focos de revolta social. Assim, quando vem à tona, debates sobre a condição da mulher, cria-se concomitantemente estratégias de resistência.

Para (FOUCAULT, 1988, p.91), o poder nunca está de um determinado lado, ele está distribuído em forma de rede por todas as partes sem se prender ao um único espaço ou a uma pessoa ou grupo, dessa forma, as mulheres também usufruem do poder, porém não do mesmo poder distribuído aos homens, estes últimos também não têm os mesmos

poderes que organizam e norteiam a vida de todos. Se todos tivessem os mesmos poderes não haveria lugar para a subordinação. E havendo subordinação seria por aceitação consciente e não por imposição social. “O exercício do poder se constitui em “manobras”, técnicas, “disposições, as quais são, resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas e o exercício do poder sempre se dá entre os sujeitos que são capazes de resistir”. (Foucault, in Louro, 1999, p.41), nessa capacidade de resistência foi preciso muitos séculos para se construir o discurso de inferioridade da mulher.

Os primeiros discursos que se têm conhecimento referentes ao papel da mulher na sociedade foram traçados na Antigüidade clássica. A mulher era reconhecida como inferior aos escravos e tal sociedade foi organizada para o mundo masculino. As mulheres estavam reservadas para a função doméstica. Os pais tratavam dos casamentos das filhas, que saíam do domínio dos pais e passavam para o domínio dos maridos. Nesse mundo masculino, ficar em casa era uma das virtudes mais honrosas que uma mulher podia ter. Enquanto as mulheres eram preparadas para a vida doméstica, singela e submissa, os homens recebiam cuidados especiais para que se desenvolvesse nesses cidadãos um conjunto de qualidades a nível mental e corporal. Era dever da mulher, amar e o do pai, decidir sobre a vida das filhas e da esposa.

Mas nem todas as sociedades da Antigüidade faziam o mesmo discurso sobre a mulher, citando as referências de (MOTA e BRAICK, 1997, p.37), em Esparta cidade da

Antiga Grécia, por exemplo, as mulheres participavam das reuniões públicas e da administração do patrimônio juntamente com seus maridos. Elas eram também, muitas vezes, requisitadas para participarem de treinamentos físicos rigorosos e se prepararem para as possíveis guerras. Mas esta situação parece ser apenas de influência local, onde faltavam braços para guerrear ou pelo fato dos exercícios diários se constituírem em benefícios para a boa formação e resistência do corpo feminino para assim, procriarem filhos do sexo masculino com pré disposição para o treinamento militar.

Com o renascimento retoma-se a necessidade de explicitar o lugar estabelecido para as mulheres, antes, porém, na idade média, elas fizeram parte de constantes discursos, freqüentemente apresentadas como culpadas das maldades ocorridas na natureza ou contra seres humanos. Georges Duby e Michelle Perrot (1991), relatam sobre a situação das mulheres no período renascentista, mostrando as mudanças no vestuário, agora compridos e volumosos revelam uma cintura tornada ainda mais delgada pelo uso de um espartilho, e, quando os costumes mais liberais o permitem, podiam mesmo exibir um peito leitoso e adequadamente empoado e pintado com rouge. E cada gesto, cada movimento feminino deveria refletir a delicadeza e a ternura que se esperava das mulheres, em contraste com a potente virilidade masculina. A literatura do período insistia na fragilidade do sexo feminino e na necessidade da proteção dos braços firmes e musculosos do homem.

Com a industrialização as mulheres foram requisitadas para os trabalhos nas

fábricas desempenhando, na maioria das vezes, as mesmas tarefas que os homens realizavam, mas os afazeres domésticos continuaram a recair somente sobre a mulher. Ela surge como uma parceira nos trabalhos fabris, é capaz de fazer a mesma jornada de trabalho de um operário, mas a mentalidade da sua fragilidade não permitiu colocar na balança o resultado de sua produção. Com base nas práticas e nos discursos referentes à mulher tomou-se a decisão de pagar-lhe um salário inferior em relação ao salário pago aos trabalhadores masculinos. Estes também sofreram com o aviltamento salarial e com a exploração de classe mas a situação industrial lhe ofereceu um grau mais elevado nos salários e nos cargos de chefia. Essa relação também se deu com os trabalhadores negros, mesmo que seja em efeitos meramente psicológicos, onde um trabalhador branco está acima de um trabalhador negro.

Contudo, as mulheres constroem da mesma forma, movimentos de resistência ao modelo de subordinação, especialmente através do movimento feminista do século XX, que lança luz sobre uma forma diferente de recomposição da sociedade, surge uma maneira diferente de pensar a cultura do próprio conhecimento. Essa reflexão é feita por Alain Touraine (1999 p.226). Ele acredita que a vida pode ficar menos desgastante se cada pessoa for respeitada como sujeito e isto, se dá de maneira mais imbricada na relação entre homens e mulheres, principalmente nas relações de igualdade, respeito e valorização às diferenças. Essa ação, para este autor, por fim à identificação de uma categoria particular de seres humanos como universal, especialmente do poder do homem

sobre a mulher. Nesse caso, não será mais possível dar uma imagem central, única, do sujeito humano. Os homens e mulheres são ao mesmo tempo semelhantes como seres ao pensar, trabalhar e agir racionalmente, e são diferentes biológica e culturalmente, na formação de sua personalidade, na imagem de si mesmos e nas relações com o outro.

Para Touraine (p.225), não é o ator dominante, mas o dominado que desempenha o papel principal na recomposição do mundo, isso está demonstrado pelo fato de que são as mulheres, mais do que os homens, que elaboram um modelo de vida recomposto. Este autor nos diz que a masculinidade foi construída sobre a dominação da feminilidade, dessa forma, os homens têm grandes dificuldades de inventar uma forma particular de recomposição de sua personalidade. E o movimento das mulheres, assim como o dos gays e das lésbicas, fez aparecer o sujeito como um esforço de combinação antagônica entre o prazer e a realidade. A liberdade das mulheres é elemento central na construção de sociedade multicultural. É o movimento das mulheres que desempenhou e desempenha ainda um papel motor na mudança cultural que vivemos, conclui Touraine. Esse movimento, seguindo a idéia deste autor, pode ser individual, porque cada sujeito traz em si, elementos do movimento social e cultural.

Concordando com este pensamento e considerando a ordem mundial, destaca-se que o discurso atual está ligado aos grandes grupos econômicos internacionais que procuram impor o consumo e a cultura de massa, subtraindo a subjetividade individual e tentando construir uma identidade universal. Do outro lado, estão os poderes

comunitários que lutam para impor uma identidade radical de suas pertencas, (negro, mulher, homossexuais, etc.). Dessa forma, a identidade parece ser forjada para moldar, nivelar, padronizar ou mutilar o sujeito. Mas essa identidade não pode ser tratada como sendo uma identificação estática do sujeito. Ela está em movimento dinâmico e constante de mudança progressiva ligada ao contexto histórico-social ou de reação moral. A identidade não está posta no singular porque ela é formada por diversos fatores implícitos e explícitos, inerentes ou culturalmente constituídos em cada pessoa. A identidade se transforma de acordo com as necessidades internas e com a abertura das vias de comunicação entre outros grupos que se assemelham com aspectos internos e externos de cada identidade. Ela pode ser imposta pela cultura de massa ou pelo poder comunitário, porém havendo espaço para resistência, ela se liberta dos jugos de dominação e se impõe com maior liberdade e fluidez. Esse processo de libertação identitária não é simples e rápido, demanda tempo e compreensão da capacidade de poder individual.

CAPÍTULO III O MITO DA IGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Para falar sobre gênero e raça convém indicar o ponto de onde partimos para fazer as devidas considerações sobre essas terminologias. O solo mais firme foi começar

por conceitos já trabalhados por estudiosos da mesma questão, como Antônio Sérgio Guimarães, Kabengele Munanga, Moema Viezzer, Nilma Gomes, Joan Scott e muitos outros. Se apropriando também do termo adotado pelo movimento negro e dos Censos Demográficos que incluem nos mesmos grupos dos negros, os pretos e pardos, obviamente com uma tonalidade política, o que o movimento negro costuma falar de resgate à negritude.

Essa exposição foca luz na direção que o estudo tomou no seu início, uma reflexão latente, que trazia consigo uma visão carregada de consciência política empreendida pelos movimentos feministas e movimento negro. Dessa forma, as conjecturas feitas faziam parte de determinados grupos que no seu bojo refletiam as idéias e práticas construídas pela consciência de gênero e raça. Nesse caso, o fazer ciência tomava tendência e estaria com seus resultados prontos, desprezando então o papel do pesquisador e da própria ciência.

Todavia, as primeiras anotações dessa pesquisa vinham justamente se deparar e parar nessa armadilha, definindo quem era a mulher negra a ser estudada e anunciava a exposição que ela iria fazer. Parecia ser fácil se o estudo se contentasse com esse resultado. No entanto não foi este o caso, resolvemos analisar porque as mulheres pesquisadas tinham um discurso sobre a questão verificada. O caminho foi mergulhar no interior das falas para desvendar o seu contexto, perguntando sobre a formação desse pensamento e por que foram ditos desta forma. Por que as mulheres pesquisadas tinham

essas opiniões? E juntando essas perguntas, chegou-se a um rumo metodológico, como trabalhar com um determinado discurso? Um emaranhado de questões obscuras foram sendo iluminadas pelos estudos de Michel Foucault, com a genealogia que trata da formação do discurso, em especial, de que forma esse discurso foi construído na mente e nas atitudes das pessoas. Este é o segredo das análises das entrevistas e também a sua própria escancaração, demonstrando que cada frase dita tem o peso histórico e cultural, se tornando por fim, uma prática social, adotada por imposição ou por aceitação espontânea, no segundo caso, sem atentar-se para a eficácia ou o desfecho final de cada discurso.

A vontade do saber foi lançar perguntas sobre a condição de uma mulher negra que já havia alcançado uma certa posição profissional e educacional, atentando-se para as barreiras e dificuldades dessa mulher no decorrer de sua formação até atingir o mercado de trabalho. Entretanto, esse recorte também evidenciara resquícios do espírito de militância política, dando a entender que o estudo se deteria meramente nas constatações das discriminações raciais e subordinação por gênero. Por outro lado, a compreensão de que toda intervenção é um ato de violência, por penetrar no ambiente cultural e social das outras pessoas, levou-nos a um novo direcionamento de busca para as respostas desse problema. Num primeiro momento, uma condição social vista com apego ao período colonial, que se mantém viva nas lembranças da mulher negra, devido ao elevado número de material escrito enfocando este aspecto, dos meios de comunicação, de grupos políticos e do próprio movimento negro que constantemente dinamiza sua pauta de

reivindicação, reclamando políticas públicas para as massas oriundas dessa população, precisando trazer à tona, a todo o momento, a condição do negro e da mulher negra vivida no Brasil Colonial.

Ora, a condição não era favorável nem para o trabalhador livre, e muito menos para os escravos. Essa idéia pode ser engrossada pelas estatísticas atuais, indicando que a população negra está recebendo os piores salários. Essa reflexão permite observar de onde vem a formação do discurso das mulheres entrevistadas e até mesmo da postura assumida pela pesquisadora ao começar este estudo. Visto desta maneira, não seria difícil saber o resultado das diversas opiniões, (divergentes ou hegemônicas) que tratam sobre a mulher negra. Todas vieram da mesma ramificação: a escravidão e das dificuldades para ingresso nos estudos e no emprego. Nessa perspectiva, a formação desse pensamento advém do que nos foi dito, em pequenas porções, quando conveniente, e em doses maiores quando a situação exigia novas atitudes. O passo seguinte seria o mais difícil, ter vontade de revirar o que há muito tempo vinha sendo produzido e aclamados nos discursos. Elaborados para atender reivindicações paliativas e “necessárias” tanto para o negro como para os quadros políticos.

Vamos então ao ritual do discurso, o que pensam as mulheres entrevistadas sobre a condição de raça, gênero e ascensão social, para isso usaremos cognomes. A professora universitária, Anita, 50 anos, acredita que a educação foi a chave do seu “sucesso”, pois todos os bens materiais que adquiriu foram pagos com o salário recebido no desempenho

de suas funções. Em relação à condição de gênero e raça, revela: *hoje sou uma pessoa mais conscientizada , acho que o trabalho na educação, a minha inserção com outras pessoas, com outros grupos militantes de defesa da cor, da raça, das nossas origens me levou a valorizar a minha cor. Não tenho vergonha de dizer minhas origens, de onde vim.* Para as pessoas que cometeram e cometem discriminação ela emprega a seguinte opinião: *é uma questão da educação de berço, a pessoa que internalizou esse comportamento, para ela, é considerado normal, mas nós que temos uma consciência mais apurada sobre essa questão, temos que ajudá-la a superar o racismo. Penso que a educação formal, juntamente com a educação dos movimentos sociais ajudam a melhorar esse aspecto e também melhorar a qualidade de vida das pessoas.* Esse discurso, com algumas ressalvas, também foram ditos por outras mulheres que fizeram o percurso universitário.

Recorreremos a genealogia do discurso para analisar essa exposição, elencando algumas probabilidades possíveis. Essa opinião não nasceu com essa professora, precisou ser aprimorada na medida em que a professora permanecia no seu meio de atuação ou quando conhecia outros valores e costumes. Essa maneira de pensar também não foi concebida como algo composto e exposto na natureza. Não tem haver com o natural, mas com o cultural e social. Nesse caso, como essa professora tem esse entendimento? Veio do acaso ou de escolha pessoal? Considerando o discurso como um acontecimento, torna-se possível responder algumas destas indagações.

Através da análise do discurso pode-se saber quais regras, quais leis e

práticas estão vigorando nas circunstâncias políticas, econômicas e sociais do momento. Mas isso não é simples de ser observado, na maioria das vezes, o significante se esconde atrás do signo. Nesse caso, *o ritual define gestos, comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites do seu valor de coerção.* (FOUCAULT, 1996, p.39). Assim, muitos discursos são anunciados como forma de resolver determinados problemas sejam eles de cor, de sexo, ou de classe, se preocupando em dizer que é preciso destruir o machismo e obrigatoriamente aumentar o número de mulheres nos cargos políticos e empresariais através de incentivos. Entretanto, isso deveria ser uma conquista e oportunidade estendida a todos aqueles com qualidades e afinidades para assumir essas posições. Mas na lógica do sistema político mundial não existe espaços suficiente para melhorar a vida de todos, desse modo, se satisfaz e muito bem com as políticas de inclusão social, delineando “cotas” para atender alguns. E uma das condições primordiais para o negro conquistar sucesso seria através do estudo, já que este não tem o emprego.

A crença de que a educação poderia resolver o problema das desigualdades sociais foi aceita como uma verdade inquestionável tanto para o senso comum, como para muitos intelectuais e políticos conceituados. Contudo, a sociedade brasileira, precisou esperar por mais de meio século para provar que essa opinião não passava de um mito. Na década de 30, foi disseminada a idéia de que a educação era um meio viável para se

adquirir ascensão social. Idéia retomada com força, no período militarista. O governo populista foi oportunista na sistematização e criação de um Ministério para a Educação, reunindo as “estrelas” da intelectualidade e especialistas em educação, com a intenção de melhorar a imagem da sociedade no país e no exterior, ou pelo menos melhorar a imagem dele próprio.

Essa bandeira em conformidade com a criação das Leis trabalhistas e outras condições convencionais fizeram desse governo um dos mais duráveis da história política do país. Não é à toa que até hoje muitos políticos se utilizam da mesma bandeira para garantir uma vaga no executivo ou legislativo, revelando que o mito da igualdade é ainda profícuo e mais acessível para sensibilizar a população. Uma bandeira de luta muito semelhante a esta foi adotada pelos movimentos sociais, especialmente o movimento negro que renova sua pauta, reivindicando ações afirmativas de inclusão do negro no mercado de trabalho e na educação. Uma oportunidade de ouro para ambos os lados, (negros e políticos). De um lado o negro que se vê espoliado aceitando de bom grado uma ação que o coloque no mercado de trabalho e nas universidades, sem ao menos avaliar o real interesse dessas medidas que estão em consonância com o sistema neoliberal, idealizadas para continuar atendendo um pequeno grupo. E principalmente, para emprestarem capital financeiro para o encaminhamento dessas normatizações. Da mesma forma, o político populista ganha confiança e chances concretas de alargar seus poderes e de mantê-los por muito mais tempo.

O desejo de poder da ordem estabelecida não está explícito nas cartilhas ou nos discursos, mas implícito, para que ninguém o veja, porém sinta sua força atuando em todos os espaços. É das instituições que os líderes de movimentos sociais extraem seus blocos de discursos. Uma organização internacional como UNESCO se considera extremamente preocupada com as questões raciais no Brasil. A própria política interna também cria leis para assegurar que os negros e mulheres tenham as mesmas oportunidades. Se a instituição oferece abertura para a discussão de temáticas, antes censuradas, então é importante questionar o que está censurado no período contemporâneo. A instituição continua forte e o que ela permite expor é aquilo que não poderá abalá-la. E quando se fala em igualdade através da educação é porque o termo igualdade é agradável de ser dito e ouvido, dessa forma, a escola não pode ser encarada como uma instituição de exclusão. É nela que todos irão buscar formação profissional, filosofia de vida e ascensão social. Mas quando se atenta para o processo de interdição verifica-se que nem todos aqueles que buscam ascensão poderão alcançá-la. Muitos ficam na vontade, outros no meio do caminho. Quanto mais se caminha na direção daquilo que é mostrado como possível de ser alcançado, mais as condições se complicam e se afunilam.

O que era a chave do sucesso acaba servindo para poucos exemplares, todavia não deixa de ser um sonho para os que não tiveram êxitos. Os movimentos sociais específicos e em conformidade com outras instituições se apropriam dos desejos individuais ou

coletivos e fazem deles sua bandeira de luta. Assim, se credenciam a receber verbas internacionais e contribuem para a promulgação de leis que favoreçam seu grupo. Contudo não podem perder de vista que foram esses mesmos debates e as lutas das populações espoliadas que ecoaram até aos ouvidos dos governantes, em contrapartida, estes fizeram as mudanças e adequações necessárias, evidentemente para manter a ordem social intacta.

Mas e quanto às discriminações de gênero e de raça colhidas nos depoimentos? Elas existem de fato? Seria injusto dizer que o preconceito racial morreu com a sociedade colonial. E se ele permanece, em parte, ou com reformulações é porque ainda tem utilidade tanto para as instituições como para as estruturas econômicas e sociais. É notório que nem todos podem usufruir dos mesmos bens materiais, nesse caso, o primeiro a ficar de fora, são aqueles que já têm uma história de exclusão. O máximo permitido é a ascensão de alguns para que os outros compreendam que eles também poderão subir, arcando com a culpa se não alcançarem êxitos.

Vejamos o que diz, a Sr.^a Roseli, 62 anos, professora universitária, *quando criança, não via outras alunas de minha cor estudando na minha sala*. Sua compreensão é de que as crianças negras ainda sofrem preconceitos na escola e que a educação e o movimento negro têm o papel de ajudar a sociedade a superar preconceito racial. Com relação a mulher negra diz ela: *por ser mulher e por ser negra as portas se fechavam muito para mim, mesmo assim, fiz grandes amizades, o fato de ser extrovertida me*

ajudou bastante..., sabia que era mulher e negra e era muito mais difícil para conseguir as coisas... Sua idéia é de que a função da mulher na sociedade não mudou muito, exemplo: é pequeno o n.º de mulheres ocupando cargo na presidência de alguma empresa. As mulheres ainda não conseguiram ocupar cargos importantes e quando ocupam, o salário sempre é menor. Ela comunga da idéia de que a educação é importante para se vencer na vida, mesmo que os mais pobres e negros em especial, não tenham as mesmas chances de progredirem nos estudos, diz: quando fiz o curso primário, naquela época traziam uma estudante do ginásio para auxiliar a professora. Esperei entrar para o ginásio, pensei que também pudesse ser auxiliar da professora já que tinha notas razoáveis, mas não consegui. Porém, relata que se esforçou para continuar na escola, entendia que a educação iria melhorar a sua vida, queria ser diferente daquilo que via a família ser e desde pequena colocou na cabeça a idéia de ser professora para deixar de ser doméstica.

Essa exposição demonstra as dificuldades para uma criança negra frequentar a escola e progredir nos estudos. Embora as crianças pobres também tenham diversas dificuldades, especialmente, econômicas e disparidades culturais, mas no caso, é lícito questionar, este é um problema social ou um problema racial? Evidentemente, com essas informações, a balança pende para a questão racial. Idéia partilhada por muitos pensadores, entre eles está (Florestan Fernandes, 1988, p.17) que escreve: *ao longo dos anos, o negro vem tentando se incluir na ordem social, mas ao mesmo tempo vem sendo repellido devido ao “preconceito de cor”... isso representa concentração da*

riqueza, da cultura e do poder, da submissão do negro, como “raça”, à exploração econômica, à exclusão dos melhores empregos e dos melhores salários, das escolas, da competição social, etc. Mas porque muitos autores concordam com essa idéia?

Certamente, não é recomendável que se entre no nível arbitrário do discurso, encontrando nos nossos próprios discursos, a vontade da verdade, *“mas situando no nível de uma proposição, no interior desse discurso”* (FOUCAULT, 1996, p.14). É mister saber que a elaboração do pensamento racial e de gênero surgiram das dificuldades dessa população alcançar na mesma proporção, postos de trabalho ou outras ocupações mais lisonjeadas em relação aos “brancos” e homens. Desse entendimento surgiram diversos movimentos que buscam equidade de valores e de direitos, que conseqüentemente, repercutiu nas buscas individuais, é caso da fala da Sr.^a Lourdes, 50 anos, professora e coordenadora pedagógica, *queria estudar para conseguir um emprego que não fosse de doméstica..., mas percebia as dificuldades que a mulher negra enfrentava para freqüentar a escola.* Nessa proposição, o meio social cria estigmas, fazendo separações entre uns e outros, apontando quem deve estar no comando e quem deve ser comandado.

Parte disso, deve-se aos ideais transportados com a colonização, que defendia o ato de fazer distinções. Essas divisões serviam para a manutenção de privilégios, deixando de fora, a maioria da população, especialmente os estigmatizados por cor ou sexo. Mas essa leitura permanece operante na mente de muitas pessoas, brancas e negras. A Sr.^a Lourdes, perfaz esse caminho, lembrando-se de um livro didático no qual estudou,

tinha um negro com uma canga no pescoço. As gravuras mostravam que o negro não tinha família, aparecia sem pai e sem mãe. Apresentavam também deformações no aspecto físico do negro. Nas outras gravuras, as pessoas apareciam de frente, mas quando era a vez do negro, esse apresentava-se de perfil. Essas imagens foram criadas para a definição de posições sociais, subentendendo que, enquanto houver humilhado, os “privilegiados” poderão contar com seus postos de trabalhos e reunir grande número de mão-de-obra barata.

Todavia a dinâmica social não comporta mais este tipo de atitude, ao menos na aparência, então foi preciso criar condições para que os excluídos de ontem tenham chances efetivas de participar de variadas funções no mercado de trabalho. Mas as dificuldades continuam existindo, principalmente pela carência de pré requisitos, exigidos para a ocupação de determinadas funções. Mesmo assim, quem consegue chegar ao cargo de professora, considerando todas as mazelas que essa função adquiriu, conserva uma certa satisfação. Essa é a fala da Sr.^a Maria, 50 anos, professora, *sinto-me orgulhosa da minha profissão, em primeiro lugar pela passagem de ‘Dona Maria lavadeira para Dona Maria professora’.* Antes era Dona Maria lavadeira, Dona Maria quebra galho. *Só de receber o título de professora já foi gratificante. Eu consegui encarar a vida com outros olhos.* A razão ou impressão de ser aceita na sociedade ou de ter um emprego eleva a estima dessas mulheres. E a maior parte delas acreditam que o estudo tira a mulher negra do anonimato, e contribui para o rompimento de diversas barreiras, entre elas, a do preconceito de cor e de sexo.

Se a educação já foi considerada como panacéia para os problemas sociais, agora é vista também como remédio para a cura das enfermidades raciais e das condições subalternas que se encontra a mulher. É o que diz a Sr.^a Elisete, 69 anos, *não existe espaço para a pessoa que não estuda*. Da mesma forma, responde a Sr.^a Berenice, 73 anos, *a educação foi tudo na minha vida*. Sem dúvida, esse ponto de vista faz parte da cultura dessa geração, que batalhou para conquistar um posto de trabalho. E as mulheres negras dentro das condições apresentadas não conseguiram penetrar nas outras profissões, a maioria delas estão inseridas na atividade de professora, mesmo assim as dificuldades são enormes. Elas estão conseguindo atuar no 1º e 2º Graus, diminuindo esse ritmo na medida em que participam da escalada superior. As instituições econômica-política-educacional se prepararam para atender a população de baixa renda, entretanto não permitem que esta vá além do esperado. Primeiro, porque lhes nega o direito de participar com igualdade de saberes em determinados cursos superiores. Segundo, não oferece espaço nos melhores empregos, para os oriundos dessa população. E terceiro, o máximo permitido, é a ascensão de um minúsculo número de pessoas vindos dessa camada.

Desse modo, cabe a avaliação de que as mulheres negras padecem das mais duras dificuldades por estarem incluídas nas esferas mais pobres da sociedade. Essa avaliação é exemplificada pelas palavras da Sr.^a Vera, 43 anos, professora universitária, *além da questão de gênero e da raça tem uma outra coisa que necessita de mais pesquisa que é a questão da estética. Ela contribui para a discriminação. O problema da beleza, do*

bonito, porque a maioria dos descendentes de negros, tem um rosto redondo e grande, os lábios grossos, o nariz achatado, geralmente com tendência a engordar. Nisso encontramos dificuldades. Pode perceber que o que conseguimos é fruto de muita luta, nada nos é dado em função da nossa aparência. É notório que cada cultura cria para si, um modelo de beleza feminina, apontado como requisito para poder ingressar em uma profissão. Embora essa sociedade deixe transparecer que é democrática sempre acaba fazendo cortes na hora de escolher seus representantes, tendo o cuidado de conservar os melhores postos de trabalhos para os seus escolhidos.

Essa forma de organização social oferece margens para diferentes interpretações. Uma delas é de que as mulheres negras são as mais prejudicadas, veja o que diz a Sr.^a Flávia, 47 anos, com formação em administração de empresas, *mulher pobre e negra recebe rótulos que marcam e definem. Tem mulheres negras que fogem da sua raça tentando se esconder atrás de maquiagem, pintam os cabelos de loiro.* Entretanto, maquiagem ou miscigenação não escondem as origens, elas se apresentam sempre que ocorrem disputas nos diversos empregos ou cursos universitários. As deficiências na formação e as desigualdades econômicas são requisitos básicos para a distinção entre as pessoas. Mas também existem outros requisitos, como a aparência física. Retomando a fala da Sr.^a Maria, *tinha conhecimento de uma vaga em uma escola..., então preenchi os papéis exigidos e pedi para o pastor da minha igreja e diretor da escola, abonar minha ficha. Ele abonou a de todo mundo e não abonou a minha. Ele não acreditava que eu tinha competência para assumir uma sala de aula.* Nesse caso, se a aparência não ajuda,

então é preciso se valer da competência, mas nem sempre a competência tem a oportunidade de ser provada. Forma-se uma luta constante daqueles que querem melhorar a qualidade de vida social e econômica entre os que já têm uma certa vantagem nesse sentido. *Isso leva a pensar que se todos tiverem as mesmas oportunidades, mesmo morando na periferia o negro vence*, diz a Sr.^a Dolores, 50 anos, psicóloga e professora, porém as oportunidades também tem sua história, estão ligadas às origens familiares, ao nível sócio-econômico e a tradição cultural de cada grupo.

1. CONTRA-SENSO NA EDUCAÇÃO

O senso-comum mostra que uma das principais finalidades da educação é de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e instruí-los nos níveis culturais de igualdade entre todos, especialmente fornecendo ideais de ascensão econômica e social. A burguesia se valeu desses ideais para formular as ações pedagógicas para seus filhos e também para assegurar-se dos postos de prestígios e de melhor valor econômico. Esse ideal foi passado para as classes populares que se esmeraram para também participar dos progressos educacionais com a intenção de alcançar bens materiais e culturais. Redobram seus esforços devido as disparidades nas oportunidades que dependiam do acúmulo cultural na esfera ideológica escolar. Ora, como revela (BOURDIEU, 1998, p.

41), “vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem de camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que um filho de um assalariado...” Apesar de ter conhecimento desse quadro, os líderes educacionais apregoaram que era possível buscar a igualdade entre ricos e pobres, mulheres e homens, brancos e negros, mas foi tratando disso que as diferenças se acirraram, pois não consideraram o ‘diferente’, apenas legitimaram as desvantagens entre uns e outros.

E mesmo que um dos populares alcance níveis mais elevados nos estudos, as regras de ascensão mudam e o sonho de qualidade de vida fica mais distante, recorrendo novamente à (BOURDIEU, 1998, p.59) que analisa bem essa situação ao escrever: “o sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou...” Essa idéia se estabeleceu nas camadas populares e foi acolhida pelo Estado que se encarregou de estender a todos, oferecendo o direito à escola, porém não se responsabilizou em diminuir os desníveis econômicos e culturais.

Contudo, a ampliação nas vagas escolares, especificamente na realidade brasileira, permitiram a participação dos que estavam fora da concorrência e mulheres e negros tiveram suas primeiras oportunidades de irem à escola, dessa vez, amparados pelo

poder público. É o que demonstra (GOMES, 1995, p.147), diz que o acesso à educação vem sendo ampliado desde a segunda metade do século XX, o que permitiu aos negros uma maior entrada na escola, porém o sistema educacional brasileiro desempenha um papel preponderante no quadro de desigualdades raciais, comparando a pequena quantidade de negros que concluem o 2º grau, é mínima também a quantidade de mulheres negras que chegam ao magistério, e no 3º grau, a situação fica mais alarmante. Atentos ao processo de expansão da escola pública, a entrada da mulher negra no magistério por exemplo não representou apenas democratização do ensino, pois quando esta entra neste campo as condições não são mais as mesmas.

Esses dados também podem ser observados nas análises das autoras (ALBORNOS & CARRION, 1985, p.41), elas destacam que a incorporação das classes populares ao sistema educacional se desenvolveria de forma mais maciça somente após a segunda Guerra Mundial, mas essa incorporação, concluem as autoras, não significa solução para os problemas colocados pela discriminação, pois as mulheres defrontam-se com sérias dificuldades para integrar-se plenamente no mercado de trabalho, além disso, a escola através de seus mecanismos internos tende a reforçar sentimentos, atitudes e valores tradicionais. Ou seja, a escola aceitou os mais desfavorecidos, mas não mudou seus métodos e suas formas de avaliação e mais uma vez, os desprovidos de bens materiais e capital cultural foram repelidos dessa educação.

Florestan Fernandes (1988, p.15-17) se referindo à população negra diz que o

término da Segunda Guerra disseminara novas impulsões de radicalização em que os de baixo se apegam ao sonho de democratização da Sociedade Civil e do Estado - e avançam diretamente no sentido de protagonizar o aparecimento de uma democracia de participação ampliada, beneficiadas pelo populismo que dá alento a essas aspirações e as reforça. E uma “classe média de cor”, que era uma ficção social, torna-se acessível, fazendo com que alguns negros tivessem êxito suficiente para alcançar posições empresariais, ponto de partida para a constituição de uma pequena burguesia negra. Mas quando os filhos dessas famílias chegavam às escolas, que antes seriam uma miragem, vão sofrer choques e decepções e participar de conflitos humanos dramáticos. A escola amplia suas vagas em nome da igualdade, evidenciando que desde então, todos seriam capazes de atingir o grau máximo na educação, mas por outro lado, não mudou suas concepções ideológicas burguesa que dificulta ainda mais a entrada e permanência dos mais necessitados de saber e de bens econômicos.

(MUNANGA (org.), 1988, p.266) concorda que os problemas atuais enfrentados pela população negra estão ligados às suas dificuldades no campo educacional e prossegue mostrando que criou-se um círculo perverso e vicioso: o negro não pode estudar porque ganha pouco e ganha pouco porque não pode estudar. A primeira observação a fazer é que o mercado de trabalho representa um dramático indicador que separa os brancos e os negros no Brasil. Os levantamentos específicos registram que a renda *per capita* dos brancos é pelo menos três vezes maior que a dos negros. Segundo o

Anuário Estatístico-92 do IBGE, os trabalhadores negros recebem apenas 41% do rendimento dos brancos e têm acesso praticamente bloqueado às ocupações mais nobres. Com relação a mulher, segundo Índice de Desenvolvimento Humano, IDH/PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) em 1999, indica que o PIB *per capita* das mulheres negras é de 0,7 SM; homens negros: 1,36 SM; mulheres brancas: 1,88 SM e dos homens brancos: 4,74 SM. No tocante ao índice de escolaridade são respectivamente: 82% para homens brancos, 83% mulheres brancas, 76% para mulheres negras: 70% para homens negros. Em Mato Grosso do Sul, informações do IBGE - 1999, indicam que a taxa de analfabetismo de pessoas acima de 15 (quinze) anos são: brancos, 7,9 %, pretos e pardos, chegam a 25,9%.

Esses dados revelam que está longe de haver igualdade nas oportunidades educacionais e no campo profissional. Florestan Fernandes (1965) entende que os negros poderiam ter uma integração tardia na sociedade de classes. Hasenbalg (1992), ao contrário, afirma que a integração subordinada dos negros criou uma situação de desvantagens permanentes que o preconceito e a discriminação racial apenas tendem a reforçar. (IANNI, 1988, p.207-239) concorda que o negro continua trabalhador e inferior, significando que nem todos ganharam segurança, nem econômica, nem social, nem psíquica. E por mais que lutem pela ascensão estarão mais próximo de uma sub-classe.

Porém o desejo de vencer através da educação continua aceso e as mulheres entrevistadas se apegaram a esse sonho ao desejar ingressar nos estudos. “Queria

melhorar de vida”, dizia uma, “queria deixar de ser doméstica”, dizia outra, confirmando que a educação ainda é vista como meio importante para se conseguir ascensão econômica e social. Embora as opiniões sejam uniformes com relação a essa função na educação, essas mulheres não deixaram de falar das dificuldades encontradas dentro e fora do espaço escolar, especialmente se referindo à cor e ao sexo, demonstrando que as chances de ascensão estavam mais distantes para quem queria vencer as barreiras econômicas e sociais. Entretanto essas condições são frutos de uma determinada sociedade, criadas para manter e legitimar a distância entre uns e outros e assegurar que o sonho de igualdade continue sendo uma preposição fundamental da educação.

CONCLUSÃO

A prática da submissão feminina percorre a humanidade por alguns milhões de anos, não se sabe exatamente quando isso começou, mas entendemos que esta é uma prática que surgiu juntamente com a cultura, na qual, uns se responsabilizaram por uma determinada tarefa, separando as funções fora e dentro de casa, modificando também o

aspecto da aparência entre homens e mulheres com relação à força física e nas formas de comportamentos. As mulheres se responsabilizaram pela criação dos filhos, abandonando parcialmente o trabalho fora de casa e os homens pela caça. Estes se prepararam fisicamente e mentalmente para obter o poder e a força para abater o animal feroz. De lá para cá se dedicaram a proteger as mulheres que passaram a ser consideradas frágeis e indefesas. Embora isso não tenha se manifestado em todas as culturas, porém foi essa que herdamos da Europa Ocidental. Ao passar a ser ‘a protegida’, passou concomitantemente a ser propriedade de outrem, do seu protetor, que se julga no direito de tomar decisões sobre sua propriedade.

Essas práticas são construídas nas relações entre homens e mulheres, consolidadas pelas Instituições, Famílias, Igrejas, Escola e Estado, às vezes são práticas visíveis como a violência física contra a mulher, outras vezes são representações simbólicas que fazem com que a dominação masculina pareça natural, como escreve (BOURDIEU, 2002, p.46), “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”. Essas representações são responsáveis para garantir a disciplina nas fábricas, na educação e em toda a sociedade, dando a impressão, citando Foucault em “Vigiar e Punir”, que os sujeitos estão sempre vigiados, devendo cumprir suas obrigações perante as leis estabelecidas no corpo social. Uma espécie natural de impulso para a boa conduta, onde o indivíduo é vigiado e punido pela sua própria consciência. Assim, homem, mulher e negro estão

todos incluídos dentro das mesmas estruturas de dominação mas cada um deles recebe um modelo de representação, revelando que a dominação das mulheres e dos negros faz parte desse modelo de representação.

As mulheres negras entrevistadas, embora tenham se esmerado para galgar posições melhores, se depararam com os problemas das representações no meio social e educacional, *quis ser professora, porque não queria mais ser vista como doméstica*, diz Lourdes, *mas quando me formei não conseguia aulas*, acrescenta ela. Esta é uma representação simbólica construída para que as mulheres negras aceitem passivamente as regras estabelecidas nas estruturas sociais. Entretanto essas representações, simbólicas ou não, ao serem praticadas deixam margem para a formação de resistências, e com isso, criam-se aberturas indicando outros caminhos. Assim, o discurso de dominação gera reação, mesmo que em proporções menores, e a relação de subordinação, paulatinamente vai se modificando, na medida em que a resistência feminina vai tomando forma. E aos poucos as mulheres negras vão ultrapassando os limites e as regras, assumindo diferentes postos de trabalhos e ingressando nos cursos universitários, e com isso as representações também vão sendo modificadas, mas é preciso considerar que, a medida em que crescem a participação das mulheres e das classes populares na educação, as exigências dos requisitos para os postos de trabalho ficam mais seletivas. É o que diz (BOURDIEU, 1998, p.150), “o crescimento muito rápido evidenciado pela escolarização das meninas participou da desvalorização dos títulos escolares, entretanto, o mercado ainda é

favorável para um portador de diploma.

Dessa forma, as mulheres negras dessa pesquisa se agarraram à educação com a intenção de serem aceitas em postos de trabalhos mais conceituados e fugir à regra de que negra tem que ser doméstica e principalmente fugindo das representações simbólicas que ditam os lugares para cada um. E para lutar contra as discriminações aderiram ao discurso do anti-racismo, especialmente por se tratar de mulheres do movimento negro ou então daquelas que já tinham uma formação nesse sentido.

O propósito dessa pesquisa foi identificar nas falas dessas mulheres relatos sobre suas dificuldades encontradas na trajetória de busca pela ascensão social. Cada uma tinha uma história para contar com referência a condição feminina ou de dificuldades raciais. E a educação foi a principal via pela qual perseguiram o sonho de ascensão. *Se não tivesse estudado não teria a profissão que tenho*, diz Berenice. Assim, Berenice e as demais mulheres têm em mente o discurso de que escola ajuda a resolver problemas sociais, entretanto ao entrarem para a escola sentiram pesar as dificuldades, podendo com isso, questionar a validade dessa educação. Funciona muito bem para alguns, para os mesmos que já ocupam os melhores espaços nos postos de trabalho. Contudo, poderia indagar se a educação serve somente para conseguir um bom emprego ou melhor salário, obviamente que não é só essa a sua função, ou talvez nem seja essa. Como prega a Escola libertadora, a educação tem que ser completa, porém ninguém vive só de filosofia, é preciso se alimentar, é preciso ampliar as condições materiais e culturais. Essa é a busca incessante

das mulheres entrevistadas, *queria melhorar de vida, e não via outro caminho a não ser pela educação*, confirmam elas.

Porém na prática a realidade era outra, *tinha tanto entusiasmo com o sonho de ser professora, mas quando cheguei lá vi que as coisas não eram como eu pensava*, comenta Maria. Falas como estas demonstram que as condições de gênero e de raça se fazem presentes nas práticas cotidianas, parafraseando Gayle Rubin (1975, p.158), perguntamos o que é uma mulher ou um negro? Eles são da espécie humana e uma mulher só é subordinada em certas relações, assim como a submissão do negro. Essa pesquisa também, é fruto de uma determinada relação, assim como os discursos produzidos pelas mulheres negras que são extraídos de suas relações com a sociedade, eles mudam ou são conservados, de acordo com as exigências da época. Entretanto, no momento e no grupo pesquisado nos prendemos nas falas sobre as barreiras impostas à mulher negra no campo profissional e educacional. Essas barreiras, diz Vera, *se deve a nossa aparência*, complementada por outra fala, *quando vou pedir emprego, digo antes pelo telefone, sou negra*. Com essa atitude, espera sofrer menor impacto, causado ao participar de entrevistas para seleção de emprego, revelando assim, as distâncias sociais entre homens e mulheres, brancos e negros. Essas distâncias são utilizadas pelo poder das instituições para justificar as diferenças ou a luta pela igualdade. E enquanto a mulher for subordinada ao homem e o negro ao branco haverão espaços suficientes para resguardar a integridade desse domínio, que age através dos códigos e pela força política, mantendo-se

em evidência devido a capacidade dinâmica de operação, fazendo as modificações sempre que necessário ou reforçando suas leis como garantia de seu domínio.

Anexos

Questões utilizadas nas entrevistas

- 1- Conte sua história: origem, lugares onde morou, situação profissional e econômica dos pais.
- 2- Sentiu necessidade de estudar? Ou foi levada a estudar por outras circunstâncias? Quais?
- 3- Por quê/ que interesses almejava/ que idéia fazia para querer ingressar nos estudos?
- 4- Quais barreiras/dificuldades enfrentou para freqüentar a escola?
- 5- Qual idéia se fazia de uma mulher e negra freqüentar a escola nessa época?
- 6- Quais dificuldades encontrou para a inserção no mercado de trabalho?
- 7- Já se deparou alguma vez com atitudes ou discursos sobre a função da mulher na sociedade?
- 8- Que pensamento tem em relação à cor e gênero? Acha que isso influencia na elevação do nível educacional e na escolha profissional?
- 9- Teve oportunidade de escolher o curso que fez e a profissão que exerce ou foi conduzida pela necessidade do contexto familiar, social ou econômico?
- 10- Como era a participação da mulher negra na escola e no mercado de trabalho nesse período?
- 11- O que pensa sobre a função da educação na sua vida? Ajudou ou não a melhorar a situação sócio-econômica?

12- Com relação a raça e gênero em que aspecto a educação contribuiu para oportunizar discussões a esse respeito?

13- Qual a importância da educação na sua vida?

Entrevistas

Anita, 50 anos/ Formação: Doutorado/ Profissão: Professora Universitária/ Data da entrevista: 31/01/02

Sou de Três Lagoas, de família bastante simples, meu pai era ferroviário, minha mãe do lar e era analfabeta, mas foi alfabetizada através do Mobral na nossa casa pelos próprios filhos. Nós fomos professoras do Mobral. Meu pai tinha apenas a 4ª série, mas era um homem bastante sábio e que conduzia todos para escola, mostrava-nos a importância de ler e de escrever. Tive um pai bastante preocupado com o acesso à informação. E na época, o presente que ganhávamos, era uma revista 'nosso amiguinho', recebíamos pelo correio. Ele tinha o prazer de ler e reunir a família para conversar sobre as informações contidas na revista.

Meu pai comprava também a revista 'seleções' e nós estudávamos os textos dessa revista. Papai era apenas um trabalhador braçal da ferrovia, veio para Campo Grande contribuir com a colocação de trilhos da Empresa Noroeste, mas devido a sua inteligência, se destacou no meio dos colegas, ele era um líder e foi promovido pela sua capacidade de liderança. Trabalhou muitos anos no escritório da Rede Noroeste, vindo a aposentar-se nessa empresa. Ele foi uma pessoa de confiança do governador Pedro Pedrossian. Trabalhou o tempo todo no escritório do governador, quando este ainda era engenheiro. Meu pai reunia os funcionários que não sabiam ler e a nossa residência servia como local de escola para eles. Foi esta, a marca da minha família. Somos em 13 irmãos. Sou a 8ª filha entre os 13 irmãos.

As nossas compras eram feitas em uma cooperativa pertencente a ferroviária, éramos obrigados a comprar ali, não tinha outra loja. Dessa forma, todas da vila usavam o mesmo modelo de sapato e de roupa. Quando a gente se encontrava, deparávamos com os mesmos vestidos e os mesmos sapatos. Até que a gente se acostumou com essa questão, porém estava sempre questionando isso. Cresci e me casei na Vila dos Ferroviários.

Aos 13 anos, comecei a trabalhar fora de casa, fui pajem de uma criança. Tive a felicidade de ir para a casa de uma pessoa que era professora e diretora de uma escola, uma mulher muito famosa, era também locutora. Ela viu minha capacidade, minha vontade de estudar, queria fazer datilografia. Aos 14 anos, ela me levou para trabalhar na Rádio Difusora, como auxiliar discotecária, guardava os discos e fazia programação. Comecei a fazer o curso de datilografia com apoio dessa professora.

Em seguida aprendi usar o microfone, tenho loucura por falar, trabalhava na rádio e achava isso de suma importância. Então meus colegas que eram locutores me punham para fazer ponte de programa. Fiquei na rádio, uns 4 anos, concomitantemente, trabalhava em uma telefônica, na Telemat, aos 14 anos já estava com minha carteira profissional registrada como telefonista por 3 horas de trabalho. Assim foi minha vida.

Durante o período da 5ª a 8ª série, me casei, me casei cedo, em 1971. Era uma das responsabilidades do meu pai, os filhos tinham que namorar, com três meses, tinham que se casar, então me casei muito cedo. A situação de minha mãe, ela era lavadeira, lavou roupa para os ferroviários e também fazia pão para vender. Ela foi uma mulher muito lutadora. Se alfabetizou conosco. Foi uma mulher muito sábia, muito espiritualista, tinha dons sobrenaturais, era vidente por natureza. Era também muito católica, sempre se dedicou a igreja, tinha muito fé. Morávamos do Bairro Nossa Senhora Aparecida e minha mãe era a pessoa que cuidava das vestimentas da igreja. Lavava, engomava. Ela foi uma

mulher líder.

Meus pais faziam festas para os vizinhos na nossa casa. Meu pai adorava fazer discursos. A minha família serviu de pesquisa para a UFMS. A professora Iracema vasculhou toda a vida da nossa família. Conseguiu entrevistar meu pai por longas horas como uma pessoa que se destacou na cidade e contribuiu para o desenvolvimento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Essa foi nossa vida. A situação econômica era muito simples, meu pai foi apenas ferroviário. Meus irmãos todos tinham que sair para trabalhar e ao mesmo tempo estudar. De todos os meus irmãos, só tem uma que não fez faculdade. Se aposentou como secretária de escola, fez só o magistério.

Meus irmãos, alguns trabalhavam no Dersul, meu pai se preocupava em fazer uma boa colocação para eles. Todos eles fizeram o SENAI. Meu pai colocava os homens no SENAI para aprender um ofício. Tenho dois irmãos que são torneiros mecânicos e dois que foram para a área de escriturário e a minhas irmãs, todas elas foram para o Sesi, aprenderam a bordar, costurar. Só as 4 (quatro) últimas que não aprenderam esse ofício. Depois todos foram para a faculdade. Meu pai mostrava esse valor para a gente.

Sentia muito vontade de estudar e o que me levou a isso foi a importância que meu pai dava para o estudo. Ele falava que a pessoa que detinha o conhecimento não era passada para trás. Meu pai não era intelectual, era trabalhador braçal, falava que conseguiu ir para o escritório porque detinha um pouco de conhecimento. Ele era um homem que lia tudo. Assinava a revista 'o cruzeiro', chegava no serviço tendo todas as informações, lia demais. A gente via meu pai tendo preocupação com a leitura, então a gente sentiu necessidade de estudar.

Eu fui a primeira filha que entrou para a universidade. Meu pai não deixava a gente estudar no período noturno, mas a gente acabou rompendo com isso. Ele só tinha uma bicicleta e levava a gente para a escola e ficava

esperando ou ia buscar depois. Ele foi uma pessoa muito próxima da gente.

Sempre tive interesse em me destacar em uma posição melhor. A história de ter que usar sapato idêntico as outras moças, aquilo me revoltava. Tinha dia que chorava, não queria que meu pai comprasse aquele sapato na cooperativa. Não queria aquela estampa de roupa. Queria comprar na casa “tecido três lagoas” que era a única loja que trazia tecidos maravilhosos, de fora. Por isso queria trabalhar, mas meu pai não queria. Eu tinha uma briga com ele por causa disso. Ele não aceitava que a gente fosse trabalhar na casa de algum vizinho.

Mas um dia eu procurei a vizinha, que era filha de um ferroviário. Ela tinha carro, andava cheirosa. Achava aquela moça maravilhosa, tinha roupas maravilhosas e ela dava aula e eu ‘bati palma’ por ela ser uma mulher independente. Falei para ela, quero que me ajude, preciso trabalhar, quero estudar, quero fazer datilografia. Datilografia era um curso caro. Meu pai não tinha condições de pagar um curso desse para a gente. Então fui ser pajem do filho dela. Ela era mãe solteira. E mais tarde esse menino acabou sendo meu aluno na universidade. Ele é engenheiro.

Quando estudávamos, na adolescência, meu pai atravessava o bairro para a levar-nos para a melhor escola pública. A nossa escola era pública, mas era uma escola de elite, no centro da cidade. Ali estudou Ramez Tebet, estudou as melhores cabeças da cidade e a gente sentia a diferença no nível econômico. Estudava na escola modelo Afonso Pena. Hoje, uma escola toda restaurada, uma escola muito bonita, no centro da cidade. Nosso uniforme era azul e branco. E meu pai, em vez de comprar para gente, tênis ou conga, comprava alpargatas.

Essa alpargata era feita de corda e desfiava embaixo. E como era só uma desfiação, meu pai não queria comprar outra, tinha que esperar a alpargata furar, mas quando a gente enfrentava chuva, as cordas se soltavam, aquilo me incomodava. Uma vez, uma amiga, que foi até vereadora na cidade e estudou

comigo, percebeu a minha inquietação e pediu para seus pais me doarem alguns sapatos. Os pais dela tinha uma loja enorme de calçados, eram de família síria. Eu tinha uma memória ávida então acabava levando pessoas para casa para fazer trabalho em grupo. E a mãe dessa amiga acabou me presenteando com vários sapatos.

Eu desfilava em um grupo de fanfarra masculino e feminino, tocava bumbo, mas o uniforme era muito caro. Quando meu pai percebeu, eu já estava ensaiando. Meu pai falou, não posso comprar o uniforme e acabei ganhando da diretora, era um uniforme lindo. Essas eram as minhas dificuldades. Outra dificuldade era comprar os livros. Sempre fiz trabalho com minhas colegas. Dava aula particular em casa em troca disso, ganhava livros. Minhas colegas me ajudavam a estudar.

Eu só tive uma colega negra, que fazia o curso junto comigo. Hoje ela é uma grande cabeleireira. Nasci no Bairro Feijão Queimado, até hoje resido lá. Tenho minha casa, minha família, meu pai ainda é vivo e mora nesse bairro. O bairro Nossa Senhora Aparecida é um bairro de negros e todos os ferroviários também são negros. Muitos baianos foram residir nesse bairro e o bairro recebeu o apelido de Feijão Queimado. Os ferroviários desse bairro tinham muitos filhos, 8, 10, meu pai teve 13 filhos, com diferença de um ano de idade de um para o outro.

Meu pai era um homem voltado para a cultura, mesmo só tendo a 4ª série. Ele enfrentou dificuldades para levar seus filhos para a escola, imagine os pais das minhas amigas que eram totalmente analfabetos. Inclusive meu pai acabou incentivando a gente a dar aula para essas pessoas. Meu pai cedeu a casa para fazer uma sala do Mobral.

Conheci poucas mulheres que junto comigo puderam freqüentar os estudos. Eu não sofria totalmente discriminação, como diz a Dr.^a Raimunda, que sou uma negra de pouca tinta, meu cabelo não saiu cabelo pixaim. Tenho irmãos

que são mais escuras do que eu e que sofreram mais discriminação. Então imagino as outras colegas, em especial, uma delas, as meninas não queriam que ela ficasse no grupo. Mas eu me relacionava bem com ela, inclusive com meninas ricas que foram minhas colegas e que até hoje continuam sendo. Não tive dificuldades para enfrentar o mercado de trabalho. Logo fui trabalhar na rádio, fui para a telefônica, não encontrei dificuldades para inserir-me no mercado de trabalho.

Muitas vezes me deparei com discursos sobre a função da mulher na sociedade, mesmo na minha família que era um discurso construído pelos rumores da sociedade - que a mulher tinha que aprender a cozinhar e bordar para poder servir bem sua casa, o marido e filhos. De modo geral, todos os nossos vizinhos ficaram preocupados, quando fui estudar à noite, e quando fui trabalhar fora, porque a mulher que trabalhasse fora era cantada, era explorada, podia perder a virgindade, esse era o discurso. Foi muito difícil vencer isso, não com meu pai, mas com minha mãe. Minha mãe tinha esse medo.

Meu pensamento sobre a questão da cor. Hoje sou uma pessoa mais conscientizada. Acho que o trabalho na educação, a minha inserção com outras pessoas, com outros grupos, militantes de defesa da cor, da raça, das nossas origens me levou a valorizar a minha cor. De não ter vergonha de dizer minhas origens, da onde vim, como cresci morando em uma vila em casa de tábuas que era dividida com outro vizinho. Me casei nessa vila. Hoje a gente tem uma conscientização melhor em relação ao desempenho da nossa capacidade em relação ao desempenho do homem. Meu pai sempre mostrou que o homem e a mulher devem ter uma educação muito boa. Da onde meu pai tirava essa sabedoria, não sei explicar. Mas meu pai sempre mostrou que homens e mulheres deveriam ter responsabilidades iguais. Meu pai, minha mãe não. Meu pai fazia divisão das funções domésticas em casa. Os homens em casa arrumavam cozinha. Sempre vi meus irmãos lavando e guardando louça e nós

também fazíamos isso. Crescemos sem essa diferenciação acirrada entre homens e mulheres.

Quanto ao curso que fiz, na verdade tinha paixão para ser dentista, queria fazer Odonto, mas as condições não me permitiram, teria que morar em Presidente Prudente. Ainda tentei procurar uma família, mas não pude bancar os meus estudos. Fui uma pessoa que me destaquei nos estudos em termos de notas. Acabei fazendo o Magistério, era o caminho certo para as mulheres naquele período. Não me arrependi porque me identifiquei como professora.

A participação da mulher negra na escola e no mercado de trabalho era muito pouca. Não tive nenhuma professora negra. Procurava me encontrar enquanto professora mas não vi nenhuma mulher negra. Existiam mulheres negras na cidade que haviam feito o magistério. Tinha a professora Euzique, mas ela não conseguia aulas. O sonho dela era dar aula na escola Modelo Afonso Pena, mas não conseguia. Os diretores da escola não eram três lagoense. Eram pessoas que vinha de fora. Às vezes vinham apadrinhados por políticos de Cuiabá. A gente nem sabia quem era a pessoa, vinha para ser diretor da escola e isso também dificultava para essa professora conseguir uma vaga.

Ainda acho que o estudo é o um caminho para melhorar a posição econômica. Sempre falo que as crianças não podem perder tempo, tem que estudar. Mostro para meus filhos e para as pessoas que me conheceram que tudo que tenho hoje, apartamento, casa, carro, participação na sociedade em uma chácara. Tudo que consegui reunir adveio do meu trabalho. Nunca ocupei cargo, nunca ganhei nenhum cargo de político. Galguei todos os cargos superiores dentro da Universidade Federal, mas todos os cargos que galguei foram cargos que passei no concurso. Sou professora concursada. Fui chefe de departamento eleita pelo voto universal. Fui diretora por 4 anos da Universidade Federal de Três Lagoas. Todos os cargos foram por escolha da sociedade e não

pela indicação de políticos, não que eu não seja uma mulher política, sempre fui. Meu pai foi um homem político. Fazia discurso, subia em caminhão. Meu pai levava a gente nos comícios e fez a gente admirar o governador Pedro Pedrossian. Depois fomos para a Universidade e meu pai foi vendo a gente a fazer outras opções políticas.

Me engajei muito cedo no partido político e assim que surgiu o PSDB, me filiei nesse partido, admirava muito o Senador Mário Covas, me correspondi com ele, escrevia carta para ele. Sou a única filha que está PSDB. Tenho irmãos em outros partidos, PDT, PT, mas fui para o PSDB. A minha família é multiculturalista, multi-política e a gente se respeita em relação a isso.

Sou pré candidata pelo PSDB mulher, como deputada estadual. E tenho irmãos que vão votar em outros colegas. Meu irmão fala que, gostaria muito que eu estivesse no partido dele porque sempre trabalhei pelas causas sociais. Sempre fui uma mulher política, nunca fiquei em cima do muro e nunca saí do meu partido. Nunca deixei de apoiar um candidato e defende-lo perante meus colegas. Trabalhei em acatamento com muitos colegas do PT, cresci muito com eles, aprendi um pouco de militância, aprendi a usar o botom, aprendi a não ter vergonha de usar a camisa do meu candidato e do meu partido. Sou uma mulher que milito e sou respeitada por causa disso. Falo no rádio, falo do meu candidato, mostro as vantagens e me sinto na liberdade de não apoiar o PSDB quando não tiver candidatos bons. Na eleição passada apoiei candidato do PT. A nossa coligação foi com o PT.

A educação na minha vida foi a razão de tudo e tem sido. A educação me ajudou a vencer barreiras. Hoje sou uma mulher que convivo com a classe alta dominante. Em Três Lagoas as pessoas me querem muito bem. Tem a família Garcia, os Dutras, são pessoas que reúne um capital imenso de terras, as melhores casas, os melhores carros na cidade e quando chego de férias sou paparicadas por essas pessoas.

Dei aulas para grandes latifundiários, são pessoas que gostam de estudar. Quando estavam na minha aula, falaram, quem te viu quem te vê, seu pai, sua família, você foi embora, você fez mestrado na UNICAMP, isso é um orgulho para nós. Quando morava lá, havia uma linha que dividia ricos de pobres, mas sempre soube ir e vir, essa foi minha grande marca como mulher, de respeitar as pessoas, independentes de suas ideologias, das suas religiões. Tem uma freira que sou discípula dela, uma 'petista roxa'. Ela fala que a sua maior decepção foi não ter conseguido até agora me filiar no PT. Perguntei para ela, se sair candidata a senhora sobe no palanque comigo? Ela falou, você sabe que não vou subir, então falei você pode ficar lá de baixo mesmo. Sou grande admiradora dela, mas não sou católica, sou uma pessoa espiritualista que pode ir em todas as religiões. Eu é que tenho que saber qual é o meu pensamento, que convicção tenho, qual o meu respeito com meu Deus que é universal, não é um Deus particular de nenhuma religião. É um Deus que acolhe todas as religiões.

Digo que a educação amplia a capacidade de pensamento, amplia a capacidade de compreensão das coisas, ajuda a entender porque certas coisas acontecem. Descobri através da educação que muitas pessoas que cometem ato de discriminação, não fazem por uma culpa própria, individual. Muitas pessoas não tem consciência que aquela ação é uma ação discriminatória, é uma ação que prejudica as pessoas e que contribui para reforçar o racismo, a intolerância, vão incorporando estereótipos de comportamento racista sem atentar-se para isso. Penso, até que ponto nós que temos uma consciência mais aguçada nessa questão, temos que menosprezar ou massacrar aquela pessoa que está cometendo racismo. Tenho pensado muito nisso.

Muitas pessoas cometem ato de discriminação por falta de entendimento do que seja o racismo. É uma questão da educação de berço que gerou isso, e a pessoa que internalizou esse comportamento, para ela, é considerado normal e,

nós que temos uma consciência mais apurada sobre essa questão, temos que ajudá-la a superar o racismo. Penso que a educação formal, juntamente com a educação dos movimentos sociais ajudam a melhorar esse aspecto e também melhorar a qualidade de vida das pessoas. Foi a educação que deu visibilidade para a minha vida.

Roseli, 62 anos/ Formação: Mestre em Serviço Social/ Profissão: Assistente Social, Advogada e Professora/ Data da entrevista: 22/01/02

Meu pai era neto de índio com negro e mamãe era negra pura. Minha bisavó e bisavô foram escravos. Papai era ferroviário. Mamãe era dona de casa. Ambos eram analfabetos. Papai aprendeu assinar através do meu avô, eu já era grandinha. Ele aprendeu assinar o nome porque era militante do Partido Comunista e precisava assinar papéis, mas não lia. Eu aprendi a ler com cinco anos e comecei a ensinar meu pai a ler também. Na verdade não comecei a ensinar, comecei a cobrar. Ele se sentiu na obrigação de aprender a ler, mesmo que soletrasse, mas já lia alguma coisa.

A influência que recebi para os estudos veio de duas tias, uma delas está com 84 anos. Elas fizeram apenas o primário, mas aprenderam francês e latim e com isso fui crescendo e querendo aprender. Em casa ninguém lia, minha avó não lia, meu avô lia, mas era bem mal. Papai e mamãe não liam nada. Eu tinha vontade de saber das coisas, de ler, era muito curiosa. Com cinco anos lia, escrevia e fazia conta. Nunca esqueço da cartilha que aprendi ler, nela tinha um verso: "Joãozinho é cabeçudo mas tem belo coração, é dedicado aos estudos e sabe sempre a lição". Foi nessa cartilha que aprendi a ler, em 15 dias.

Fui crescendo, até aos 7 (sete) anos sem poder estudar na escola. Todo ano ia na escola sozinha e dizia para a professora, quero estudar e ouvia dela: você não tem 7 anos. Quando completei 7 anos, fui feliz da vida para entrar na

escola, era mais adiantada, mais cumprida que os outros e bem magrinha. Tenho boas lembranças. Tive uma origem muito pobre, muito humilde, mas com muito carinho e de muita ligação com a família. O vovô estava sempre me apoiando. Comecei a estudar numa escola da rua 13, era uma Escola mista do Bairro do Cascudo. Nessa escola fiz o 1º ano, na 2ª série passei para a Escola 26 de Agosto, que naquela época, era “Escola Ruralista 26 de Agosto”.

Sempre fui a única ‘preta’ da sala. Quando tinha 9 anos e cursava o 3º ano, me apelidaram de ‘xita’, a macaca do Tarzan, foi um drama para mim, a escola inteira me chamava de xita e eu reagia na pedrada, era muito boa na pedrada, marcava o nariz de fulano e a pedra pegava no nariz, reagia com as armas que tinha, mas quanto mais reagia, mais eles me chamavam de xita. Um dia o vovô chegou do serviço e me encontrou chorando. Ele me chamou e disse: sente aqui, filhinha. E perguntou porque você está chorando, respondi é porque na escola eles só me chamam de xita, a macaca do Tarzan, não agüento mais. O vovô perguntou, como é seu nome, respondi Roseli, ele acrescentou, então seu nome não é xita minha filha, quando te chamarem de xita não escute, não discuta e não brigue, porque se você continuar brigando, o resto da vida, você vai ser xita, mas se você parar de brigar eles vão esquecer e vão voltar a chamá-la pelo seu nome. Assim fiz, no dia seguinte, quando cheguei na escola, o pessoal falava, ‘xita, xita’, ignorei, passei direto não respondi e nem briguei, com muita vontade de jogar pedra mas não joguei, porque não era xita, dessa forma, eles não estavam falando comigo. Depois de mais ou menos uns 15 dias, voltaram a me chamar pelo meu nome.

Quando vou falar sobre o problema racial, lembro do meu avô, digo, o que falta para as outras crianças é um avô como esse que tive, ele não era ‘preto’ mas teve a sensibilidade de me colocar no colo e de conversar comigo, de me dar carinho na hora que precisei.

A minha avó dizia que eu era muito saída, de fato, toda festa que havia

na escola, eu estava lá, declamando poesia, cantando e dançando, eu era muito desinibida. Não tinha aquela coisa de chamar e dizer, não quero. Me chamava, eu estava lá. Fiz muitas amizades. A sociedade que coordenava e dirigia a Escola 26 de Agosto, - seleta sociedade caritativa humanitária, todos ficaram meus amigos, me admiravam. Eles achavam muito bonito, porque eu era 'pretinha' e estava querendo estudar. Terminei o 4º ano, vim para a Escola Joaquim Murtinho, na época Colégio Estadual Campograndense, fiz o exame de admissão e passei, muita gente que estudou em colégio mais chique, mais fino não passaram, mas eu passei.

Naquela época não tinha consciência de que eu tinha esses problemas porque era preta, era criança, criança pobre, usava tamanco, que agora é chique, mas naquela tempo era calçado para a pobreza, um tamancão de pau e vestido de chita, até sair o uniforme. Quando estudava na Escola 26 de Agosto, não tinha sapato. Uma vez por ano a sapataria da Escola, fazia sapato para as crianças mais pobres, quando ganhava o par de sapatos eu só usava calçar um pé, amarrava uma tira no dedão do outro pé para fingir que estava machucado, fazia isso para o sapato durar mais. Quando o lado do sapato que estava usando furava, então amarrava a tira do outro lado, e assim fui estudando. Quando não tinha sapato ia de pé no chão.

Não faltava aula, com chuva, com frio, eu ia. Queria ser diferente daquilo que via minha família ser. Minhas tias eram lavadeiras, cozinheiras, vovó também lavava roupa para fora, fazia pão para fora e costurava. Eu ainda muito pequena, vendia fruta na rua junto com o vovô. Eu queria crescer, melhorar a minha vida. Em casa o povo falava muito errado, devido ao baixo nível cultural. Eu dizia, não vou por meu 'imbigo' no tanque nem no fogão de ninguém. Vou estudar, desde pequena coloquei na cabeça a idéia de ser professora, que idéia drástica né. Até tive oportunidades de ter empregos melhores, mas não tinha visão e acabei optando por ser professora. Podia muito bem ser fiscal de

Imposto de Renda do Estado, e estar ganhando, 8, 10 mil reais por mês, mas aposentei no Estado ganhando 442 reais.

Estudei porque não queria ser doméstica, desde pequena, falava que não ia ser doméstica, queria ser outra coisa, ia ser professora. Tinha tanta vontade de estudar que não enxergava barreira. Nem mesmo ligava para os deboches que os colegas faziam de mim. Riam de mim, meus uniformes por exemplo, eram mal feitos, até porque minha família não tinha noção de fazer uma costura com acabamento e o colégio Estadual nunca foi colégio de pobre. Estudavam nele filho de coronel, filho de tenente, filho de capitão, filho disso, filho daquilo. E a minha família não tinha noção de corte bem feito, meus uniformes eram feio, não eram bem acabados, todo mundo usava um calção justinho, meu calção era grandão, mas eu nunca liguei para isso. Enquanto riam de mim, eu estudava para tirar notas boas, fazia questão de tirar nota de 7 para cima, não que me cobrassem em casa, ninguém cobrava, mas queria mostrar que eu podia, que era capaz.

Na época em que estudava, não percebia preconceito por ser negra, mas sempre me senti estranha por só ter eu de negra na sala. Quando fui fazer magistério, estudei com uma amiga, um pouco mais clara do que eu, ela não se sentia negra de jeito nenhum, eu sim. Quando tinha meus 14, 15 anos, dizia, sou preta, preciso ser melhor, porque se não for melhor, não vão me dar condição de trabalho. Fui muito rejeitada no comércio em Campo Grande. Às vezes as pessoas saíam comigo para me ajudar a conseguir um emprego, porque eu precisava, iam tentar falar com políticos, mas eles diziam, se você quisesse de babá, arrumaria, mas você quer de professora. Quando fiz o curso primário, a minha sala era de 1ª e 2ª série, naquela época traziam uma estudante do ginásio para auxiliar a professora. Esperei entrar para o ginásio, pensei que também pudesse ser auxiliar da professora, já que tinha notas razoáveis, mas não consegui. Diziam, imagina, se tem tanta menina branca querendo ser auxiliar

porque vamos colocar uma negra. Ai pensava, vou estudar mais porque um dia vão ter que me aceitar e engolir isso que estão falando, e estudava, estudava.

Quando terminei a 4ª série, sabia que tinha mais coisa pela frente para estudar, mas não sabia o que era. Minha família também não tinha essa noção. Na porta da minha casa, todo dia passava uma moça que vinha da escola. Um dia, cerquei a moça, falei moça, moça, preciso falar com você, ela assustou. Eu falei, é que terminei o 4º ano e quero continuar estudando, mas não sei o que é que é isso. Ela disse, hoje não posso conversar com você, mas amanhã vamos conversar. No outro dia, ela veio, e ficamos grandes amigas, atualmente ela mora no Rio de Janeiro. Ela me falou do exame de admissão, como fazer a inscrição, tinha que comprar um selo e selar a inscrição.

Entrei na admissão, fiz até o Magistério e os estudos acabaram para mim. Para continuar tinha que sair para outra cidade e não tinha condições de sair. Comecei então, contabilidade, mas vi que não era aquilo que queria, desisti. Alguns anos depois, comecei a lecionar no Estabelecimento Guia Lopes, dentro do quartel. Depois vim para o Grupo Escolar Nicolau Fragele, fiz amizade com uma japonesa, Fausta, essa professora, um dia viu no jornal que o SESC estava oferecendo bolça para serviço social e fui fazer sem mesmo saber o que era, mas era uma oportunidade de estudar e que alguém ia pagar para eu estudar, não podia perder essa chance, fosse que curso fosse. Fui para a seleção com a professora Fausta, passei, ela não passou. Eu tinha um espírito de lealdade e solidariedade não quis ir mais, mas o pai dela foi em casa conversar com papai e explicou que poderia pagar o curso para sua filha e eu não podia, que eu deveria aproveitar essa oportunidade. Então fui para Goiânia, fiz o vestibular, passei em 5º lugar.

Quando começou o curso achei ótimo, porque tinha sociologia, psicologia, eram matérias que gostava, que tinham afinidade comigo. Nunca tinha saído de casa. Fui só com duas passagens, uma para ir e outra para voltar no fim do ano.

Não agüentei esperar, no meio do ano vim embora e não voltei mais. Logo depois, veio uma assistente social na minha casa, ela veio do Rio de Janeiro para me entrevistar e saber porque tinha abandonado o curso. Expliquei que mamãe estava muito doente, e no mesmo período mamãe teve uma crise forte. A assistente escreveu no relatório dela que era impossível freqüentar o curso, devido a doença de minha mãe. Isso foi em 1959, estava com 20 anos.

Em 1961, resolvi voltar, liguei para a faculdade e voltei, dessa vez às minhas custas, mas antes de ir, eu já tinha ficado mais espertinha, fui ao SESC, ao Ministério do Trabalho para conseguir uma bolça. Depois que estava lá, o SESC me escreveu dizendo que tinha ganhado uma bolça de um salário mínimo por mês. Com esse salário pagava faculdade, aluguel do quarto e alimentação. De vez em quando, dinheiro acabava antes do final do mês, mas a gente nem ligava. Comecei a estudar, a fazer parte do movimento estudantil.

Não sentia rejeição da pessoas, talvez porque eu fosse muito falante, muito participativa, muito atuante. Participava de todas as reuniões. Se tivesse que falar com reitor, era comigo mesma e com isso fiz amizades. É claro que deve ter tido muita gente que torcia o nariz, mas eu nem percebia.

Entretanto não conseguia emprego em escola particular, sempre diziam alguma coisa. Mesmo em Goiânia não consegui dar aulas em escola particular, dei aula em escola pública. O magistério era serviço público e nesse serviço o negro sempre conseguiu espaço. Faz concurso, entra e trabalha. Sentia que era negra e só conseguia emprego no serviço público que hoje infelizmente está se terceirizando. Não tinha muita consciência porque não conseguia emprego em escola particular, achava que era por ser 'preta', então pensava, devo estudar mais porque se tiver bastante diploma, eles vão ser obrigados a me aceitar como professora.

Quando fui trabalhar na UCDB em Campo Grande, essa universidade só tinha 3 assistentes sociais e precisavam de 3 profissionais da área para poder

criar o curso. A UCDB não teve alternativa, tinha que me chamar. Vieram falar comigo - “pô é, não sabíamos que tinha uma assistente social aqui a tanto tempo”. Dei o nome para a faculdade e fui embora trabalhar em Ilha Solteira. Quando voltei de Ilha Solteira, assumi a cadeira, já haviam outros professores negros. Tinha a professora Doroti.

Nessa época comecei a ter consciência de negritude, não de movimento negro, mas de negritude e sabia que tinha que trabalhar às crianças, para evitar que passassem tudo aquilo que passei, evitar ouvir falas do tipo: “há se você quisesse ser babá te arrumava emprego, mas você quer ser professora”. Lembro de um político importante, chegou a ser ministro da saúde, foi prefeito. Fui falar com ele e ele disse: “você pretinha desse jeito”. Olhei bem para ele e pensei, hoje o senhor está subindo, o dia em que o senhor estiver lá embaixo, estarei lá para lhe pegar na mão. E no dia em que ele foi caçado pelo regime militar, eu estava no aeroporto. Naquele tempo a gente ia até no avião receber as pessoas, ou se fosse passar alguém de Cuiabá conhecido, a gente ia na porta do avião para conversar. E quando ele foi caçado, eu estava lá embaixo esperando a Milanir Macedo, uma educadora de Cuiabá que estava passando em viagem para São Paulo, me avisou, e passei para falar um alô para ela. Quando ele chegou na escada do avião, ele olhou e me viu, passou por mim, olhou, mas não falou nada e nem eu.

Eu já tinha o meu emprego, embora não tivesse tido oportunidade de escolher o curso que queria fazer. O SESC lançou o concurso porque precisava de assistente social, passei, fui fazer o curso e gostei. Não foi uma escolha, foi uma chance.

Como era bolsista, voltei de Goiânia empregada. Quando você volta formada, volta cheia de gás, querendo mudar o mundo, e não me adaptei com o trabalho no SESC. Paguei os dois anos que tinha que pagar por ser bolsista e saí. Comecei a trabalhar em serviço público. Não conseguia trabalhar em serviço

particular.

Fui militante estudantil, com isso fui indiciada no Inquérito Policial Militar - IPM em Goiás e fui fichada pelo serviço de informação e me fez com que ficasse tímida para querer ocupar alguns cargos que me ofereciam. Recusava convites por medo de complicar também a vida de outras pessoas. Um dia alguém me disse que recusava porque não era competente, eu falei, tenho que parar e dar uma repensada nisso. Não queria esparramar em Mato Grosso que tinha ficha no IPM, porque aí sim, as portas todas fechariam para mim.

Naquela época, a idéia que se fazia de uma mulher que saia de casa para trabalhar era que ela não prestava, se fosse professora na sua cidade tudo bem. Eu sai, fui trabalhar em Cuiabá que era capital.. A gente morava no hotel e os homens batiam na porta durante a noite e ficavam falando besteira, tipo, se você prestasse seu pai não deixava você sair. Uma vez um homem insistiu muito, tive que pegar o telefone para pedir socorro, liguei na casa de um coronel que era meu conhecido, uma das filhas dele fez o curso junto comigo, ele vestiu a farda e veio. Eu já havia ligado na portaria do hotel, mas não quiseram tomar conhecimento. O coronel colocou o revolver na cintura e subiu escadaria acima, pegou a pessoa ainda na porta batendo, isso já fazia mais de 2 horas, que ele estava me atentando. O coronel algemou o cara e o levou preso. O dono do hotel me falou a senhora não podia ter feito isso, manchando o nome do meu hotel. Eu perguntei se por acaso havia feito alguma coisa indevida e disse, eu avisei quando ele começou a bater na minha porta e vocês não tomaram providência. Eles me disseram que esse cara era um cliente de luxo do hotel. Eu falei, então ele vai passar essa noite na cadeia que para ele vai ser muito bom.

Essa era a visão da mulher no mercado de trabalho. Éramos poucas que enfrentávamos isso. Mas as que tentaram conseguiram dar um salto qualitativo. Era muito difícil. Eu sabia que era mulher e negra e era muito mais difícil para conseguir as coisas. Mas continuei trabalhando sozinha. Quantas vezes escutei

da boca de políticos importante, dizendo lugar de mulher é na cozinha, é no tanque, ainda mais uma mulher preta, tem mais é que ir para o tanque. Não podem ocupar cargos, cargo foi feito para branco, não foi feito para negro. Muitos dos que falavam isso já morreram, que Deus os tenha, mas tenho a certeza que no céu não estão.

Por ser mulher e por ser negra as portas se fechavam muito para mim. Mesmo assim, fiz grandes amizades. O fato de ser extrovertida me ajudou bastante. Chorava, mas limpava o rosto e saía sorrindo de dentro do banheiro para enfrentar a vida. Às vezes eu era mal educada, sou franca até hoje. Não mando recado, chego e falo, e isso também ajudou a fechar algumas portas, porque as pessoas não gostam de ouvir a verdade.

A função da mulher na sociedade mudou, mas não muito. A mulher tem a sensação de que mudou, mas fico assistindo televisão, vejo que não mudou muito. O homem ainda espera uma mulher virgem e não aceita que a mulher ganhe mais que ele, não aceita que a mulher ocupe cargos importantes. São poucas mulheres que são presidentes de alguma empresa. Elas ainda não conseguiram ocupar o espaço e quando ocupam algum cargo, o salário sempre é menor.

Na minha vida o estudo foi muito importante e continuo pensando que nós mulheres negras e negros de modo geral, quanto mais estudarmos mais seremos respeitados. Ainda que não queira nos receber porque somos negros, terão que recebermos porque somos mestres, somos doutores, pós doutores, não podemos parar. Esse trabalho tem que ser feito na escola, começando nas primeiras séries para que os estereótipos colocados nas crianças, não as façam desistir, mas a criar garras e seguirem em frente.

Tive a graça e a satisfação de participar de um congresso brasileiro de assistente social no Rio de Janeiro, pode verificar que a UERJ tem em todos os seus cursos uma cadeira de gênero e raça. Muitos dos seus alunos

apresentaram trabalho, alguns deles não eram pretos mas estudavam a questão porque era uma disciplina e os levava a isso. Mas é uma universidade pública, quando se vai para uma universidade particular é apenas uma matéria a mais, e na maioria das vezes, o professor não tem formação adequada. Tenho essa preocupação com os professores e com as crianças. O professor e direção tem que estar preparado para discutir essas questões. A educação tem que contribuir para isso. Espero ter uma sociedade melhor e mais justa, onde os diferentes possam ser tratados na sua diferença, buscando a igualdade nos momentos certos.

Lourdes, 50 anos/Formação: Letras/ Profissão: Professora e Coordenadora/
Data da entrevista: 01/02/02

Meu pai era de Campinas, exercia a profissão de maquinista numa Empresa Federal. Minha mãe era do lar, nascida em Minas Gerais, Santa Rita de Passa Quatro. Ambos se conheceram e se casaram em Campo Grande, não chegaram a concluir o 1º grau. Desde pequena, queria ser professora, e a necessidade de estudar surgiu porque meus pais moravam em Jardim, onde os estudos e empregos eram escassos, então vim morar em Campo Grande. Enfrentei várias barreiras quando vim para essa cidade, uma delas foi não ter onde morar. E para amenizar o problema de moradia comecei a trabalhar de doméstica, com isso teria casa e comida sem estar pagando.

Eu fazia o 1º magistério e ainda trabalhava de doméstica. Na medida em que ia me deparando com as barreiras, sentia que era mais forte, minha vontade de vencer e de estudar. Na escalada de ascensão, sempre invejei minhas amigas brancas, que não precisavam de muito esforços para conquistar o que elas queriam, mas para mim tudo era difícil. Dentro das condições sempre tive desvantagem com relação as minhas amigas brancas. Então senti que para

vencer essas barreiras, era só estudando.

Quando terminei o magistério e chegou a hora de escolher um curso superior, fiquei em dúvida, queria escolher o curso de Direito, Assistente Social ou Letras, dos três o que mais se aproximava de mim era curso de Letras, porque eu morava em Jardim e fazia o curso nos finais de semanas em Aquidauana. Fiz esse curso porque gostava de trabalhar com as pessoas e senti que podia ser útil de alguma forma, de dividir o que sabia com outras pessoas que não sabiam, apesar de nunca ter entendido porque tinha tanta dificuldade de conseguir as coisas, perto das minhas amigas, sempre tive que batalhar mais.

Meu pai não foi de facilitar para a gente em nada, ele tinha um salário razoável e não dava muito importância para os estudos. Ele falava que o negro foi o último ovo que Deus pôs sobre a terra. A gente não via empenho da parte dele para a gente estudar. Estudei em Escola Estadual, fiz de 5ª a 8ª série, na época, pagávamos mensalidade. Às vezes éramos tirados da sala de aula por não termos pago a mensalidade. Para meu pai, não era nada, isso não o atingia. Outras vezes ele nem ficava sabendo.

Logo que comecei a trabalhar de professora, com dois períodos, embora demorasse para receber, assumi a mensalidade minha e da minha irmã, antes porém, fiz um empréstimo de uma amiga branca, dessas que não lutavam muito para conseguir as coisas, pois se não pagasse a mensalidade ia ser barrada na escola. Uma vez, tinha uma prova e, estava com a mensalidade atrasada, fui tirada da sala, devido ao atraso da mensalidade. Outra vez fui tirada da sala por falta de uniforme. Para adquirir o uniforme tive que emprestar uma camisa de um colega, eu só tinha a saia, assim a inspetora me deixou entrar.

No período que cursei da 5ª a 8ª, eu e minha irmã éramos as únicas negras. Na faculdade, no meu primeiro dia de aula fiquei meio perdida, sabe aquela coisa de caloura. Quando entrei a aula já havia começado, e só soube

que aquela era a minha sala porque vi uma menina de Guia Lopes, cidade vizinha, ela estava sentada, então entrei e fui sentar lá no fundo, o professor parou a aula e me olhou, o silêncio pesava, olhei para ele e vi que estava me olhando, sentei na última carteira, ele falou por favor, levante daí e venha sentar bem aqui na frente, quero você bem no meu lado direito, mas eu agradeci, falei que preferia sentar ali, que por ser alta poderia atrapalhar os colegas, ele falou que não, que uma negra na universidade era motivo de muito orgulho e fez aquele discurso. Se eu não tivesse a cabeça que tenho, não voltaria mais na universidade. Você sabe o que é uma aula parar e todo mundo olhar para você.

Tive muitas dificuldade para conseguir um emprego, sabe aquela amiga que me emprestou dinheiro para pagar a mensalidade no ginásio, ela assumiu a secretaria de uma escola em Jardim, que era uma cidade pequena, eu já estava fazendo o segundo ano do Magistério e morava perto da escola, faltando professor, a diretora mandava me chamar, ia como substituta. As diretoras costumavam se reunir para fazer lotação dos professores. Quando me formei, uma das diretoras onde fiz o Magistério decidiu, fico com fulano, quando chegou minha vez, essa diretora que mandava me chamar em casa para substituir professores, falou que não ia me dar aula na escola dela. Quer dizer, como substituta eu podia, mas fazer parte do quadro não. Uma professora da escola onde havia me formado, ficou constrangida e disse: se vocês não querem dar as aulas para a professora, pode deixar, dou os dois períodos, então a diretora ficou com vergonha da atitude dela, e voltou atrás, falou, dá um período só que o outro período, ela será lotada aqui.

Não é fácil conviver com as adversativas, as pessoas falam, que sou negra, mas..., é comum ouvir isso, só que antes de ler alguns livros sobre o problema dos negros, eu chorava muito se ouvisse frases depreciativas sobre minha cor, mas quando comecei a ler, não que eu tenha aceitado o que ouvia, mas comecei a entender que aquilo tudo fazia parte de uma história de uma

sociedade machista, racista e tudo mais, não é que aceitei, apenas entendi.

Uma vez, em Jardim, me lancei como candidata para concorrer um cargo de vereadora, já sabendo que ia enfrentar dificuldades por ser negra, mulher ou ser pobre. Conversava com uma amiga que também era negra e ela falava que a gente tinha essas três desvantagens em relação as outras candidatas, inclusive meu discurso, que até o Lula estava presente, foi em cima dessas três falas. Na verdade aquilo causou impacto porque até então as pessoas sentiam o problema, mas uma negra não tinha levantado essa questão.

Quando era só professora, a fala e a atitude das pessoas era uma, eu era 'competente, era amiga', mas quando fui concorrer um cargo de diretora de escola, o poder dali não me aceitava, porém tive a legitimidade do voto, ganhei as eleições. As pessoas que antes me tinham como amiga e competente, foram as que mais me apedrejaram. Tive uma gestão muito atribulada, tanto que não consegui terminar o mandato, fiz uma carta aberta para a comunidade e renunciei com um ano e meio de administração, não agüentei mais. Quando era professora era aceita, mas quando passei a ter um cargo que era exercido por branco, passei a ser um problema.

Penso que a mulher negra é considerada ainda sob o prisma do preconceito, isso serve também para as mulheres em geral, em todos os setores elas não são bem vistas, acham que são mulheres incompetentes e só servem para pilotar fogão ou ser professora. Eu queria ser advogada, mas o que tinha em mãos no momento, era fazer o curso de Letras, já era casada e tinha filhos, não tinha outra opção, não podia deixar tudo e vir para uma cidade maior. Então fui mais ou menos conduzida a fazer esse curso.

A participação da mulher negra na educação e no mercado de trabalho é muito restrita. Se via muito, era empregada doméstica, tanto que quando mudei para Campo Grande, tentei trabalhar em outra coisa que não fosse doméstica, mas não consegui. E trabalhando de doméstica, uma vez entrei em uma sala de

gente rica, estava trazendo café, ouvi comentários, uma senhora falou para a outra: não sei o que deu nessas negrinhas para todas quererem estudar, porque, uma das condições que impunha era que não gostaria de continuar trabalhando se não desse para estudar, não aceitaria o emprego.

Enfrentei muitas dificuldades quando vim para Campo Grande trabalhar e estudar. Não tinha casa para morar, tinha que apressar para encontrar um emprego, não tinha onde dormir. Mas vim porque dava valor aos estudos. A educação exerceu uma função fundamental na minha vida. Li muitos livros relacionados a minha área de estudo e outras leituras de um modo geral. Às vezes penso comigo, não devia ter estudado, porque na medida em que ia tomando conhecimento das coisas, a dor que deveria diminuir, aumentava. Aquilo ia me revoltando, por ver a dificuldade que a gente tinha que passar. Sentia-me em pé de igualdade com qualquer mulher branca, mas sentia que as minhas dificuldades eram maiores.

Estudando em Aquidauana, fiquei grávida, tranquei o curso, e depois me matriculei em Marília/SP. O curso era pago. A gente viajava uma vez por mês. Tinha um ônibus que levava o pessoal. Não queria fazer o curso dessa forma, achava que era prostituição. Enquanto muitos estavam sentados em um banco de escola, eu praticamente estava comprando um diploma, mas dado as circunstâncias, me vi obrigada a fazer isso. As minhas amigas que estudavam comigo tomavam banho, tinham tempo de descer na cidade para fazer compras. Eu não. Não tinha um mês que não tivesse um problema para resolver. Uma delas falava que eu parecia um raio. Vivia procurando a secretaria com problemas de nota, sempre tinha um problema para resolver. Até meu marido falava, que para mim, tudo era mais difícil.

Durante o tempo que estudei não ouvi nenhuma discussão sobre o problema da mulher ou de raça. Mesmo agora, na escola onde trabalho, ninguém fala sobre isso. Eu não tive preparo algum para enfrentar as

dificuldades referente a minha cor, então tive que fazer terapia. Antes de ir para terapia, não era muito de estar olhando a minha volta. Quando tinha que falar alguma coisa, era sempre na defensiva. Com a terapia, estou aprendendo a olhar mais a pessoa, a observar melhor o ambiente. Vivia pronta para contra atacar qualquer fala, me preparava para me defender. Por exemplo, essa questão, que sou negra, mas..., comecei a rebater. Isso só me servia para ficar igual a um animal, com o espírito muito aguçado para rebater caso ouvisse qualquer coisa referente a minha cor devido ao que sofri, eu sempre estava com pedras na mão. Nunca encontrei pessoas que engrossassem a minha fala em defesa da cor negra. Geralmente quando ouvia, era uma fala cheia de preconceitos. Tinha uma colega que falava que eu era uma negrinha de nariz empinado.

No dia da consciência negra, emprestei um livro escrito por Wine Mandela para uma amiga ler, ela levou para uma rádio em Jardim e deu para o marido dela ler trechos do livro que falava da raça, e eu ouvindo a rádio comecei a chorar. Liguei para a rádio e falei, não sou uma negra fraca, a minha raça não é fraca, basta ver a história para confirmar isso, a gente foi agredida, tirada da África e trazida para cá em condição que os livros mostram a gente substituindo o índio, dizendo que o índio é preguiçoso, e que nós já vivíamos na África como escravos. Liguei brava para a rádio e falei tudo isso. Mas a esposa do radialista falou: “você é tudo isso que você ouviu”. O radialista já tinha uma caminhada sobre a discussão da raça negra. Ele era de São Paulo. Em Jardim ninguém tocava nessa questão, se esquivavam na hora de falar do negro, preferiam falar de pessoas morenas, tentavam suavizar o discurso, pensando que iam nos agredir falando que a gente era negro. Percebo todos os dias que as pessoas tentam escamotear a questão negra, dizendo que sou uma morena escura.

Entretanto, parece que o negro virou moda nas músicas e nas indústrias cosméticas. Tem uma linha só para negro. Mas os negros são a maioria

oprimida e ainda são poucos que podem comprar um produto adequado para usar no cabelo. Ainda não se vê quase negros ocupando cargos importantes na sociedade. Meu discurso na época em que concorri para vereadora, foi esse, não temos negras no congresso, nas assembléias e nas câmaras. Benedita da Silva, que foi a primeira mulher negra a ocupar o senado, a gente sabe o quanto ela sofreu e sofre. Mas na medida em que o tempo vai passando, a gente vai criando uma certa casca de resistência.

Hoje quando vou procurar emprego já falo antes pelo telefone que sou negra. Adquiri uma certa consciência com as leituras. Quando estudava, no ginásio, tinha um livro didático que aparecia um negro com uma canga no pescoço, e toda vez que tinha aula de história e a questão fosse sobre o negro, a minha irmã matava aula. Faltava para não ouvir a tiração de sarro. A professora discorria sobre a historiografia oficial, dizendo que o negro era escravo e veio para continuar a ser escravo. As gravuras mostravam que negro não tinha família, aparecia sem pai e sem mãe. Apresentavam também deformações no aspecto físico do negro. Ela olhava as gravuras e chorava, dizia olha o negro como está, olha o bico dele, olha o tamanho do beijo dele, está quase cutucando o outro branco que está na sua frente. Nas outras gravuras, as pessoas apareciam de frente, mas quando era a vez do negro, esse apresentava-se de perfil. É mais um agravo que a sociedade impôs para a gente, o negro não se acha bonito. É por isso que minha irmã 'matava a escola'. Eu pensava diferente, estudava não para sofrer menos mas para entender um pouco porque sofria tanto.

Vera, 43 anos/ Formação: Assistente Social/ Profissão: Professora Universitária/
Entrevista realizada em 11/02/02

A minha mãe nasceu em Campo Grande, na Comunidade de São

Benedito. Meu pai nasceu no Rio Grande do Sul, era ferroviário, e em função dessa profissão, veio para Miranda. Eu nasci em Miranda e quando tinha dois anos meus pais vieram morar em Campo Grande. A única cidade em que morei foi Campo Grande, morava no Bairro São Francisco. O meu pai se chama João Cândido Ribeiro e minha mãe, Laudemira Valéria de Assunção Ribeiro. Meu pai trabalhava na Rede Ferroviária Federal, era analfabeto e foi criado por uma família no Rio Grande do Sul, ele fugiu dessa família e nunca mais voltou. A minha mãe também é analfabeta. Os meus avós não colocavam os filhos para estudar e ainda mais se fosse filha mulher. A situação econômica da minha mãe era muito ruim, ela foi sempre muito pobre. Meu pai, logo começou a trabalhar e embora fosse analfabeto teve uma profissão - carpinteiro, e a situação financeira dele era melhor. Meu pai era bem mais velho que minha mãe, morreu em 1965, e até a morte dele, a nossa vida era boa. Ele tinha comprado um terreno para construir, morávamos de aluguel. Meus irmãos estudavam na melhor escola que era o Colégio Dom Bosco e com a morte do meu pai, a situação mudou. A administração da Rede Ferroviária ficava em Baurú e levou um ano para minha mãe receber a pensão. Minha mãe não trabalhava antes, e com isso teve que arrumar emprego. Foi trabalhar de lavadeira em um hotel. Meus irmãos tiveram que sair da escola para trabalhar. A minha irmã tinha 11 anos e foi morar com uma família para trabalhar. Quando minha mãe começou a receber a pensão teve que continuar trabalhando, porque eram cinco filhos pequenos e esta pensão não dava para manter a família. Os meus irmãos mais velhos, logo que cresceram, casaram-se e foram embora para São Paulo. A minha irmã mais velha continuou morando com a família com quem foi trabalhar quando criança. Quem ficou com minha mãe fui eu e minha irmã caçula. Sempre tivemos muitas dificuldades para estudar. A postura da minha mãe foi importante, por ser uma pessoa analfabeta, mas deu muito importância para o estudo e ela disse que meu pai também dava importância para o estudo, tanto que a gente quando

chegava da escola ela mãe queria saber se tinha tarefa, se não tivesse, ela mandava a gente estudar e voz alta para ela comprovar se estávamos estudando mesmo. Mas eu gostava de estudar, não precisava minha mãe ficar cobrando, porém ela dava muito importância para os estudos. A minha irmã caçula também era interessada nos estudos. E as nossas maiores dificuldades foram financeiras. Fiz o primário e o ginásio em escola pública e os professores e diretores da escola sabiam que eu era interessada, me davam o uniforme, nesse caso não foi difícil, porque a gente também não pagava nada para estudar. Com relação aos livros, eu emprestava das minhas colegas, naquele tempo não tinha xerox. Minhas colegas, especialmente uma que estudávamos juntas desde o primário, me emprestava os livros, eu estudava e copiava, fazia anotações antes das provas, porque no período das provas ninguém emprestava esses livros. Quando terminei o ginásio na Escola 26 de Agosto, uma escola comercial, que preparava o aluno para ser técnico em contabilidade como 2º grau e com direcionamento para ciências contábeis, não gostei da área das exatas, preferia ciências sociais ou humanas, e nesse período tinha vontade de fazer medicina. Saí dessa escola e fui para uma escola particular, estudar a noite. Era uma escola que não tinha muita qualidade, mas era de acordo com o que eu poderia pagar. No período em que fiz o primário e o ginásio eu não trabalhava, só minha mãe, e a minha contribuição era buscar e levar a roupa, de puxar água no poço de 23 metros. Quando fui para o 2º grau, comecei a trabalhar como empregada doméstica. Já no segundo ano, comecei a trabalhar no comércio. Trabalhava durante o dia e estudava a noite. Terminei o 2º grau e fui fazer vestibular para medicina, fiquei três anos fazendo vestibular e não consegui passar, então resolvi fazer outro curso, porque percebia que era só pelo estudo que minha vida poderia mudar. E fui na FUCMT verificar os cursos que esta instituição oferecia. Me interessei pelo curso de História, Direito e Serviço Social. No final acabei optando pelo curso de Serviço Social porque

pesquisei sobre o campo de trabalho dessa profissão e como poderia trabalhar na escola, então pensei, fazendo este curso estaria perto do campo de trabalho que gostaria de trabalhar. Para estudar, eu nunca pensei, não posso, não tenho dinheiro e nem condições, porque se pensasse dessa maneira não teria entrado para a universidade. Fiz vestibular para Serviço Social, passei e não tinha dinheiro. Meu salário não era suficiente para poder pagar esse curso. Eu trabalhava em um armazém de secos e molhados de propriedade de uns japoneses. Esses japoneses gostavam muito de mim, talvez por ver a minha luta. Eles falaram para mim que não deveria mais ficar trabalhando no comércio, já que eu estava entrando para a universidade e que eles iriam falar com o gerente do Banco América do Sul para eu começar a trabalhar nesse Banco, os japoneses achavam que eu deveria ganhar melhor para poder ter condições de começar e terminar o curso.

Comecei a fazer o curso de Serviço Social, no primeiro semestre detestei esse curso e pensei, não posso mais perder tempo, tenho que saber se é isso mesmo que quero. Nesse curso a gente trabalha muito em grupo para fazer os trabalhos acadêmicos, mas eu mudei umas sete vezes de grupo porque eu vinha de um primeiro grau de escola pública. Naquela época a escola pública era uma escola bem conceituada. E quando um professor passava uma tarefa, a gente não ficava só em cima daquilo que o professor orientava, a gente buscava muito mais que isso e o grupo na universidade só queria fazer o que o professor solicitou e ainda de maneira superficial, isso me incomodava. Quando estava pensando em fazer outro curso, a professora Iraci Vilela Pereira foi na nossa sala e disse, vai haver um treinamento para o Projeto Rondon e vai ser desenvolvido no Centro Social Urbano/CSU da Vila Nasser e os estágios vão ser feito nesse local. Vão estar presentes os alunos de todos os cursos da FUCMT, da Universidade Federal e também do antigo CESUP, que hoje se chama UNIDERP. Essa professora falou que a gente ia fazer uma semana de

treinamento, após essa semana, haveria uma prova e quem fosse aprovado iria fazer o estágio. E pensei comigo e falei com meus ex-patrões para não falarem com o Banco, porque eu estava querendo fazer esse treinamento, para trabalhar na prática o que estava estudando no meu curso. E com isso saberia se tinha jeito ou não para exercer essa profissão. Fiz a seleção, passei e fui fazer o estágio que era durante um ano. Eles ofereciam uma bolsa que dava para pagar a mensalidade da faculdade e sobrava alguma coisa mínima e minha família precisava da minha ajuda, mas uma razão para eu optar pelo estágio. Ao fazer o estágio, percebi que era aquilo mesmo que queria, me dediquei ao estágio e comecei a gostar do curso. Adiantei meu aprendizado para o futuro estágio curricular e fui além daquilo que tinha que fazer como estagiária. Montamos um clube de mães, essas mães trabalhavam e não podiam ir às reuniões durante a semana. Eu fiquei sozinha, acompanhando esse grupo. Quando passou um ano, terminou o estágio, voltei a trabalhar no comércio, mas a professora Iraci que havia feito o convite para o estágio, trabalhava na Secretaria de Promoção Social, ela ligou para eu ir trabalhar com ela, porém dependia do aval do secretário. Tinha que ir me apresentar e falar com ele, quando ele me viu, disse é essa a pessoa que vocês querem contratar, então podem contratá-la. Ele me conhecia do clube de mães. A partir daí fui me encaixando na profissão. Antes tinha negociado a minha mensalidade, concorri ao crédito educativo e consegui durante dois anos que meu curso fosse pago. E nesse período, comecei a comprar livros para montar a minha biblioteca e a fazer outros cursos aqui no Estado e fora dele. Mas ao fazer isso não comprava roupas, só tinha duas calças jeans e usava camiseta de propagandas. Só no natal que comprava uma roupa nova para mim. Fui organizando a minha vida para poder investir na minha educação. Qualquer profissão exige investimento, a gente tem que ampliar os conhecimentos e para isso tem que estar constantemente estudando e se atualizando. Nos outros dois anos que faltavam para terminar o curso,

ganhei uma bolsa integral da faculdade, outra vez a professora Iraci entreviu na minha vida, por conhecer a minha vida e as minhas dificuldades e mais uma vez ela me convidou para ser monitora após o horário de serviço da secretaria. A minha tarefa era organizar toda a documentação da coordenação de estágio. Os dias das semanas ficaram poucos para essa tarefa e comecei ir aos sábados, mas isso era devido a minha dedicação a esta tarefa. O diretor da faculdade percebeu meu interesse e me deu uma bolsa. E nesse período a universidade tinha interesse em que eu fosse para a PUC de São Paulo para fazer o mestrado em Serviço Social, mas eu não tinha vontade de ser professora. Tinha interesse em fazer mestrado, mas não o mestrado profissionalizante e muito menos para ser professora. Mas minha vida teve uma reviravolta, me interessei em criar o Conselho Regional de Assistente Social e me envolvi com professoras para fundar esse Conselho. Montamos uma chapa e comecei a militar no movimento sindical, logo estava na CUT, e com essa luta toda o meu mestrado criou asas e voou, me dedicava mais ao sindicato e me tornei persona não grata para os padres, pois estava agora no meio dos comunistas. Mas quando dei a minha contribuição para a fundação do Conselho, parei de militar no sindicalismo e fui fazer um curso de Especialização em Planejamento e Serviço Social. Fiz esse curso e fui convidada pela professora Maria José à dar aula na Faculdade de Serviço Social, embora tenha tido contratempos com os padres devido a minha militância no sindicato, mas essa professora não desistiu, insistiu tanto até os padres permitirem a minha entrada na Faculdade.

Antes, trabalhei na prefeitura e durante os nove anos em que trabalhei lá, nunca recebi um cargo de chefia e tinha um salário muito baixo. Não podia nem pagar a inscrição do curso de especialização, mas insisti e por intermédio da professora Iraci, fui contemplada com uma bolsa e fiz o curso. Descobri que aí entrava o contexto de gênero e de raça. Durante esses nove anos que trabalhei na prefeitura, os dois primeiros anos fiquei a disposição da Secretaria do

Trabalho. Quando a prefeitura escolheu uma assistente social para ser secretaria do bem estar social, ela ficou por pouco, logo foi substituída por um médico. Na diretoria da Associação dos Assistentes Sociais tinham várias pessoas que eram funcionárias da Secretaria da Promoção Social e fizemos um movimento para colocar uma assistente social na direção dessa secretaria e não um médico, em função disso sofri represálias por parte da secretaria e a secretaria me colocou a disposição. Foi preciso a gente ir até ao governador e explicar a situação para ele, pedindo para intervir na vontade do prefeito, que era biônico naquela época, não era eleito pelo voto do povo, solicitando a minha cedência para o Estado. Fui emprestada para a extinta LBA - Legião Brasileira de Assistência. Depois pedi as contas na prefeitura e fui trabalhar em uma empresa privada e logo recebi um cargo de chefia. E por mais que haja preconceito na empresa privada, a gente vale pelo conhecimento que a gente tem. Isso é valorizado. Trabalhei durante seis anos nessa empresa e sai para fazer mestrado e dar aula na faculdade. Fui coordenadora do curso por duas gestões seguidas, porém a gente boicotava a lista tríplice que o MEC que exigia três nomes para concorrer a coordenação e a gente mandava só o meu nome, então não havia forma do MEC escolher outra pessoa para ser coordenadora do curso. Com relação ao problema de gênero e raça, posso afirmar que a gente encontra problema na academia. Na minha atuação profissional nunca encontrei esses problemas, porque nós trabalhamos com as Políticas Sociais Públicas, então a pessoa que chega até a gente vem em busca de um benefício e por mais que tenha problema pela cor ou por ser mulher, ela esconde isso, até porque essa área de atuação luta para que as políticas se tornem ações públicas e não benesses, mas culturalmente a gente aceita as benesses devido a cultura do mando, do clientelismo, da subserviência, da obediência. Dessa forma é difícil dizer que encontramos problemas por sermos mulheres ou negras. E se existe é uma coisa muita veladíssima. Mas na academia a gente encontra, por

parte do aluno e por parte dos professores e direção, tanto é que se a gente for ver, onde atuo como professora universitária, são poucos os professores negros. E poucos também na direção e nos altos cargos. A gente percebe a diferença, além da questão de gênero e da raça tem uma outra coisa que necessita de mais pesquisa que é a questão da estética. É um ponto que contribui para a discriminação. É o problema da beleza, do bonito, porque a maioria dos descendentes de negros, tem um rosto redondo e grande, os lábios grossos, o nariz achatado, geralmente com tendência a engordar. Nisso encontramos dificuldades. Pode perceber que o que conseguimos é fruto de muita luta, nada nos é dado em função da nossa aparência. A questão financeira dos pais também tem relação com o desenvolvimento da vida dos filhos. Em uma família em que a condição financeira é melhor, quem se ascende economicamente, melhora só para ele, enquanto os pobres tem que dividir o que ganha com toda a família. Minhas irmãs estudaram com minha ajuda. Meus irmãos não estudaram porque não quiseram, preferiram casar cedo. Então a nossa luta tem que ser constante, porque para nós pobres e negros a vida é diferente, para nós é sempre mais difícil. A profissão de Assistente Social é eminentemente feminina, nasceu no seio da igreja, porque, quando a burguesia permitia que suas filhas estudassem, preferiam que elas fizessem Serviço Social porque era uma profissão da ajuda, da filantropia e da caridade. A condição feminina tem muita relação com a profissão da qual as mulheres fazem parte. Muitas mulheres eram encaminhadas para essa área, uma profissão vista pela igreja e pela burguesia como sendo uma profissão para mulher. É nessa profissão que estou inserida, mas tenho consciência do legado imposto as mulheres, procuro ser uma boa profissional e vencer as barreiras e dificuldades enquanto mulher e negra.

Flávia, 47 anos/ Formação: Administração de Empresas/ Profissão: Funcionária

Pública

Sou natural de Campo Grande e meus pais São de Cáceres/Mato Grosso. Minha mãe é líder do lar, criou 8 filhos e meu pai era funcionário da Noroeste, depois do Quartel Militar e mais tarde da Empresa Teleoeste. Fez parte de toda a história da telefonia desde quando ela se instalou em Campo Grande. Foi nessa empresa que meu pai conseguiu uma bolsa e se formou em advocacia. Atualmente meu pai é advogado e aposentado. Meu pai dizia muito que a gente tinha que estudar e isso era uma motivação para a gente. Ele deixava de comprar brinquedos e roupas ou qualquer bem para investir na nossa educação. Todos os meus irmãos e irmãs estudaram. Mas eu também tinha interesse em estudar queria ter o segundo grau e fazer um curso superior. Na época em que estudei era importante e era um orgulho para os pais falarem dos cursos que os filhos estavam fazendo. Tive muitas dificuldades para estudar. Estudei sempre em escola pública. Meu pai levava uma vida de militar porque trabalhava no quartel. Ele ia e vinha de bicicleta. A gente sentia o tanto que ele se empenhava para termos melhores condições de vida. Ele estava sempre batalhando, almejando um salário e um emprego melhor para reverter em alimentos e estudos para todos os filhos. Ele comprava material escolar, uniformes, sapatos. Exigia que a gente estivesse sempre bem limpos e arrumados. Naquela época a escola também exigia que a gente tivesse capricho com o vestuário. Uma época meu pai conseguiu meia bolsa de estudo na Escola Perpétuo Socorro e aí comecei fazer o ginásio. Eu via as dificuldades que meu pai tinha para manter a outra meia bolsa, então pedi para ir para uma escola estadual. Era difícil entrar na escola estadual naquela época. Tinha o exame de seleção. Fui na escola fiz a inscrição e seleção e passei. Foi na escola pública que concluí meu ginásio no Colégio Estadual Maria Constância de Barros Machado.

Naquela época as dificuldades eram tidas devido a condição social,

éramos pobres. Onde morávamos tinha índios, negros, o bairro era considerado um reduto de pobre. Não tinha consciência que a mulher enfrentava mais dificuldades por ser mulher, dizíamos que e era por sermos pobres. Não sentia diferença entre os pobres da minha rua e os pobres da outra rua. Todos nós batalhávamos para sobrevivermos. Todo mundo tinha que estudar. A gente tinha um círculo de amizades e também se envolvia nas atividades escolares. A gente era muito ativa e não sobrava tempo para questionar se o outro era índio ou negro.

Me sinto privilegiada com relação a minha inserção no mercado de trabalho. Atualmente conseguir o primeiro emprego e como jogar na lota. 'É achar uma agulha no palheiro'. Na minha época, quando terminei a 8ª série e com 15 anos de idade, falei para meu pai: quero trabalhar. Meu pai arrumou um emprego com os acionistas da telefonia, que eram os sírios, libaneses e japoneses. Meu pai mantinha uma amizade com estes senhorios e então conseguiu um emprego para mim. Minha primeira experiência de trabalho foi com os Nasser. Eles tinham um comércio enorme na 14, quase uma quadra inteira e quando eu estava de férias ia para lá e ficava aprendendo a fazer estoque e qualquer outro serviço porque eu queria trabalhar. Estudava meio período e trabalhava no outro meio período. Mas quando fui trabalhar mesmo, procurei os D'villas que tinha uma rede de postos de gasolina. Fui trabalhar no escritório de um posto de gasolina, devido também a amizade que meu pai tinha com essa família, mas não tinha tanta competitividade no mercado de trabalho, naquele tempo faltava mão-de-obra. As ofertas de empregos eram maiores.

Especificamente com relação a mulher penso que ela tem que lutar e batalhar para galgar posições melhores no emprego. Tem que decidir o que ela quer ser na vida. Ela é mãe, é esposa e participa da competitividade no mercado de trabalho. Acho que as mães preparam os filhos dizendo que eles tem que brincar e estudar. Mas a primeira coisa que eles devem aprender é a

sobrevivência em casa. Tem que aprender a lavar, passar e cozinhar e depois constituir uma família. Na época da minha adolescência a gente recebia muita crítica dos tios e tias. Caso a gente saísse a noite a gente era prostituta. Mas eu tinha consciência que devia respeitar o teto em que morava e principalmente meus pais.

Nós somos em três mulheres e quatro homens e existia uma briga nas divisões de tarefas. Meus irmãos carpavam e as mulheres faziam o serviço doméstico e se uma mulher quisesse mudar de serviço não podia. A gente questionava o porque disso, mas não podia desrespeitar o patriarcado. Porque se a mãe reclamasse dos filhos para os pais a gente recebia um sermão. Eu acordava às 4 horas da manhã para fazer os trabalhos domésticos em casa, para estudar e depois cuidar dos irmãos mais novos e ainda queria brincar de boneca, de correr na rua e andar de bicicleta.

Quanto ao curso superior, eu queria fazer psicologia e meu pai queria que fizesse contabilidade. Para fazer psicologia não dava, porque o curso era durante o dia e ia tinha que trabalhar para manter a faculdade. Analisei as condições do momento e escolhi o curso de administração. No meu tempo os negros estavam mais subterrados e ainda foram expulsos para mais longe. Hoje quando se oferece qualquer curso, o negro tem que se deslocar de muito longe para chegar até o local de estudo ou trabalho. A violência é a mesma, porém hoje existe mais denuncia. O negro está saindo do seu esconderijo e está batendo nas portas em busca de oportunidades.

Mulher, pobre e negra são estigmas, são rótulos que marcam e definem. Tem mulheres negras que fogem da sua raça tentando se esconder atrás de maquiagem, pintam os cabelos de loiro. É preciso ter uma consciência da condição da cor da pele. Desde criança eu tinha essa consciência e dizia eu sou negra. A gente conversava sobre isso em casa, não adquiri essa consciência no movimento negro eu já vim para o movimento com essa consciência. Eu dizia,

sou negra e os outros diziam não, você é morena, era uma espécie de sutileza para tentar tapar 'o sol com a peneira'. Eu não discutia isso, mas tinha a consciência de eu era negra. Não adianta ter carro melhor, exibir condições melhores, porque o negro é um alvo, esteja ele onde ele estiver, 'seja de ouro de prata ou de lata a gente é negro'.

A mulher negra enfrenta barreiras no mercado de trabalho. A discriminação ocorre entre as profissões. Por exemplo quando se vê uma pessoa toda vestida de branco se ela for branca é médico mas se for negro é enfermeiro ou pai de santo, ninguém imagina que um negro possa também ser médico. Uma médica negra não é nem enfermeira é uma auxiliar. O negro é um foco dentro da ascensão social, seja ele juiz ou qualquer outra profissão ele é sempre visto como um negro.

Percebo que a gente tem que criar mecanismos de defesa e ajuda para o negro na educação, no trabalho e na cultura. O negro não pode esquecer a sua cultura. Sou a favor de cotas para negros. E quem fala que isso é discriminar esquece de que o negro vem sendo discriminado por mais de 300 anos. Se continua tudo do mesmo jeito, está tudo bem, todos falam somos todos iguais. Mas na realidade não somos iguais, em direitos não, somos iguais somente perante a lei divina.

A educação é fundamental para o negro melhorar sua vida. Essa educação está na família e na escola. A formação deve ser completa. O ensino na minha época era muito convencional, era fruto da ditadura. Ninguém contestava e aquele que se rebelasse tinha que virar "hippie", ficando à margem daquele processo. Ninguém comentava sobre a questão de gênero. E se comentavam, era apenas uma elite cultural. Não chegava em Mato Grosso do sul. Só ouvi falar sobre isso após a implantação da democracia. Hoje as oportunidades são maiores para a mulher. O nível de informação é outro, mas está faltando a gente prestar mais atenção e se mobilizar. Porém acho que o

machismo ainda impera mesmo que esteja se arrastando com dificuldades para se manter nos dias atuais onde a informação invadem todas as casas.

A mulher seja secretária ou motorista tem que provar que é competente, se for bonita, olhos azuis, cabelos esticadinho e tiver um corpo dentro dos padrões de beleza, os homens endeusam essa mulher e se ela não tiver estrutura e firmeza fica iludida, acreditando ser uma cinderela. Agora se for uma negra é apenas mais uma que chegou para competir. A questão étnica é bem visível. A mulher para ser paparicada vai pintar o cabelo e vai dizer que frequenta shopping para poder competir profissionalmente com outras mulheres não negras que convivem no mesmo ambiente de trabalho. Uma mulher negra tem que provar que é uma boa profissional, mesmo assim ainda corre o risco de ficar sem emprego. Fiquei sabendo que uma jornalista negra, baixa e gorda que lutou para conseguir um espaço de trabalho na televisão, conseguiu, mas agora essa mesma mídia quer demiti-la dizendo que ela é preguiçosa, acham diversos defeitos. Na verdade eles querem é impor os padrões. Talvez se fosse uma mulher loura, não encontrariam defeito algum. Mas vejo que a mulher negra tem que ir a luta, superar as dificuldades e cultivar a vontade de ser e não de ter. E quem tem vontade de ser será.

Maria, 50 anos/ Formação: Letras/ Profissão: Professora/ Data da entrevista: 12/04/02

Nasci na cidade de Jardim, antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Meus pais também eram da cidade de Jardim. Meu pai era pedreiro, minha mãe doméstica. Quando fiz 16 anos, vim morar em Campo Grande para estudar. Fui empregada doméstica, às vezes trabalhava em troca de comida. Mas um dia

olhei para mim mesma e falei que tinha que mudar de vida. Quando estava fazendo a 8ª série, engravidei do meu 1º filho, naquele momento pensei em parar de estudar, mas alguma coisa me dizia que se parasse, não voltaria mais a estudar, então continuei estudando e trabalhando de doméstica.

Na minha época não tinha passe de ônibus e nem livros a gente não ganhava, tinha que comprar, então emprestava das minhas colegas para copiar os textos. Alguns professores me emprestavam o livro do mestre. Quando terminei o ginásio, entrei para o magistério também nas mesmas dificuldades. Me formei e continuei trabalhando de doméstica, porque na nossa terra, no Brasil, especialmente em Mato Grosso do Sul, ser pobre e preta é difícil sobreviver, só sobrevive com muita força de vontade.

Corri muito atrás de sala de aula, mas as portas se fechavam para mim. Foi através de uma colega que fez um trato comigo, que consegui meu primeiro emprego de professora. Ela disse, a primeira de nós que conseguir aulas vai arrumar também aulas para a outra. Essa colega começou a dar aulas no município e logo assumiu a direção de uma escola do estado. Ela foi na minha casa me oferecer uma sala de aula e comecei a trabalhar de professora, mas não foi fácil.

Fui muito perseguida, tinha gente que não acreditava na minha competência. Trabalhei em lugares longe, mas trabalhei. Depois fiz o curso superior pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na cidade de Jardim. Nessa escola que trabalho fui escolhida para ser diretora, na primeira gestão. Na época eu ainda não tinha curso superior. Administrei a escola por dois anos, mas sempre perseguida. Depois fui eleita por 5 (cinco) anos consecutivos e agora retornei a sala de aula. Tenho muito orgulho de ser professora, porque para quem era lavadeira, chegar a ser professora, e ainda mãe de 5 filhos, é um orgulho muito grande que tenho.

Queria estudar para deixar de ser empregada doméstica e quando fiz 22

anos fui ter o meu primeiro filho. Na época fazia trabalho duro, capinava, carregava água a troco de sobra de comida. Era uma vida difícil. Fui ter meu filho e, na maternidade comecei a olhar para minha mão, estava cheia de calo e inchada. O médico que me atendeu falou, sabia que a senhora quase morreu. Eu disse, eu sei. Ele perguntou o que a senhora faz? Respondi, faço serviço braçal, capino. Ele disse, sabia que isto não é serviço para mulher, a senhora tem que mudar de vida. E fiquei pensando naquilo que o médico tinha me dito, foi quando surgiu a idéia de voltar a estudar, digo a você que foi por necessidade.

Na minha época, não recebi apoio de ninguém, porque as pessoas não acreditavam em mim. Meus amigos de igreja, eu era evangélica, diziam - porque você quer estudar, vai aprender a bordar, a costurar, fazer crochê, mulher é para isso, você é para isso, você é pobre, quem é que vai te dar sala de aula. Tive apoio de Deus, dos meus filhos e do meu ex-marido, que ficava cuidando dos filhos para eu poder estudar. Voltei a estudar porque queria ser professora. Todos os dias quando voltava do serviço muito cansada, pensava, se não estudar nunca vou ser professora, vou ser sempre uma lavadeira, então corri atrás, tracei um objetivo para mim.

Tive dificuldades financeira, social. Ia para a escola a pé, era longe. Todo ano, no começo das aulas, os professores perguntavam o que a gente fazia. Geralmente eu era a mais velha e sentava lá no fundo da sala. Quando chegava a minha vez, respondia, sou empregada doméstica, e minha colegas riam de mim, repetiam - doméstica. Eu passava muita fome. Teve uma época que fiquei o ano todo sem pegar meu boletim porque não podia pagar o caixa escolar. Descobriram que vinha a pé para a escola, e o diretor abonou minha taxa. Meus filhos também padeciam, muitas vezes ficavam sozinho a noite, era uma menina e quatro meninos. Me sentia muito constrangida, até hoje que tenho um certo conhecimento, ainda me sinto constrangida quando tenho que entrar em algum

lugar desconhecido, percebo o impasse que as pessoas me recebe.

Tinha tanto entusiasmo quando comecei a estudar e trabalhar, depois vi que não era assim tão fácil. Tinha que ter muita perseverança, boa vontade para conseguir o que queria. Até me formar, não tinha feito outro serviço, a não ser lavar, passar cozinhar, fazer bolo, fazer doce, capinar. E quando me formei fui procurar aula. Fui no colégio batista, onde eu era membro. Sabia que tinha uma vaga. Mandaram uns papéis na igreja para a gente preencher. Preenchi os papéis e pedi para os pastor abonar minha ficha. Ele abonou a de todo mundo e não abonou a minha. Ele não acreditava que eu tinha competência para assumir uma sala de aula. Dizia que eu tinha que procurar um lugar longe (Cachoeirão, Piraputanga) e não em Campo Grande, onde tinha pessoas mais bonitas, mais bem vestida.

Outra vez fui sozinha na escola, me apresentei para o diretor. O diretor me olhou de cima a baixo, olhou meu cabelo, voltou e olhou para mim de novo, falou a vaga já está preenchida. Agradei e sai, fiquei conversando com uma colega, nisso tinha uma mulher sentada na sala, esse diretor chegou e falou - oi querida, estamos aqui te esperando para você pegar aquela sala de aula.

Na prefeitura também, para conseguir emprego, tinha que ter conhecimento, 'pistolão', eu não tinha, até hoje não tenho. Cheguei até ao posto de direção de escola, mas sem laços políticos. Só entrei para o estado porque minha colega lembrou de mim. Depois prestei concurso, passei em dois concursos e assumi meu cargo de professora.

Ainda hoje, muitos homens são machistas e muitas mulheres são submissas. Ainda acham que o papel da gente é lavar roupa, passar e cozinhar. Que uma mulher divorciada, assim como sou é um perigo para a sociedade. Quase nunca ouvi nada de positivo sobre a mulher. Fui diretora por 5 anos. Andei, ia na secretaria, lutava, lutava e não conseguia. Recebia pouco apoio das pessoas em volta do Bairro.

Hoje temos um homem que é diretor na escola, e acontece muita coisa, mas ninguém cobra dele como eu era cobrada. Discursos de que a mulher está crescendo, no ambiente onde frequento, é muito difícil de se ter uma aceitação. Mas enquanto pessoa, acho que a mulher deu um pulo muito grande da minha mãe para cá. Tenho 50 anos, e há poucos anos atrás uma mulher de 50 anos não estava como eu. Ela estava nessa hora, fazendo tricô, coisa que nem sei fazer.

Acho que nós conquistamos um espaço muito grande. Já passamos do tempo em que homem tinha que sustentar a gente. As mulheres do magistério são independentes, embora sejam muito mal pagas. Agora existe uma coisa que não concordo, a própria mulher discrimina a colega. Quando uma mulher se candidata para concorrer algum cargo, poucas mulheres votam nela. Ainda acham que determinados cargos são só para homens.

Você já viu uma negra advogada em Mato Grosso do Sul, promotora. Ela pode até fazer direito, mas é difícil chegar num posto. Repórter, médica negra, a gente não vê. Às vezes ela tem até vontade de ter outra profissão, mas estão mais no magistério.

No entanto, se fizer uma reunião de diretores no estado, não se vê rosto de negras, são mais homens e brancos. Acho que as mulheres não se arriscam a fazer um curso de engenharia, de direito porque sabem que vão ter alguma coisa barrando-as. É o mesmo que ocorre na política ou na polícia. Você já viu alguma negra coronel, uma tenente negra, não tem. Para ser alguma coisa, tem que ser “cara de pau”.

Enquanto diretora, enfrentei tantas coisas, os alunos me chamavam de ‘fusão preto’. Se a gente manter a cabeça baixa a gente nem sai de casa. Tive uma experiência de vida difícil, porque meu pai é branco, tem os olhos azuis e minha mãe é negra. Fui criada com primos, primas, tios e tias brancos. Eles sempre se dirigiam para gente dizendo, olha lá as negradas do tio Dito. Lá vem a

negra sebosa do tio Dito. São expressões grossas que ouvi na minha infância e quando estava estudando também.

Quando menina, eu já queria ser professora, porque achava que era mais fácil de conseguir esse posto. Se no lugar de Pedagogia tivesse feito Engenharia, talvez nem tivesse terminado o curso, até pelas dificuldades de distância e porque eu sustento família.

Quando fiz o curso superior já era casada. A educação me ajudou bastante para melhorar minha auto-estima. Em primeiro lugar pela passagem de 'dona Maria lavadeira para dona Maria professora'. Antes era dona Maria lavadeira, dona Maria quebra galho. Só de receber o título de professora já foi gratificante. Eu consegui encarar a vida com outros olhos. Antes me sentia pequena, vivia no meio das pessoas com lenço na cabeça, de vergonha do meu cabelo. Não gostava de mim e quando comecei a estudar, a ler muito e a manter uma convivência com minha colegas, adquiri outra postura. Nunca ando de cabeça baixa, estou sempre de cabeça erguida. Às vezes escuto dizer que sou metida, mas é somente uma alta defesa. Para poder me sentir como igual.

A educação me ajudou na parte social e também na parte econômica, não que o salário seja bom, mas porque já consegui alguma coisa. Perdi uma filha porque não tinha dinheiro e nem plano de saúde. Hoje sou uma outra pessoa, tenho referência. Participei de muitos fóruns sobre raça. Aquele negócio que o negro foi livre pela princesa Isabel é uma besteira. O negro ficou livre e sem emprego. Então teve que voltar a ser empregado dos brancos.

Ainda persiste nas cabeças das pessoas que empregada doméstica tem que ser negra. Na televisão, o rico é branco e o pobre é negro. Acho que o negro tem que lutar, não abaixar a cabeça, porque o negro também não é um coitadinho. Não concordo com a história de negro ser privilegiado para entrar numa universidade. O negro tem que entrar pela sua competência. Se ele não tem capacidade, não deve entrar pela janela e o branco pela porta. Temos que

passar todos pela porta.

O Negro também tem o direito de lutar para pisar no solo igual ao outro. Aprendi isso com a vida. Os Movimentos Negros tendem a colocar o negro como 'coitado', tem que ter isso, tem que ter aquilo. Mas enquanto negra, quero o direito de batalhar pelo que quero. Não quero ganhar o lugar de ninguém só porque sou negra, quero conquistar através da minha luta e da minha vontade. Ainda tem escola que comemora o dia 13 de maio falando, ah, hoje é dia dos escravos, vamos dar um desenhinho para as crianças pintarem, tem que ter o 'beijo revirado' com uma corrente no braço e se esquecem das lutas que o negro travou para se livrar desses estereótipos.

A educação abriu caminho para eu enxergar essas coisas, a ter conhecimentos, amizade, respeito. Falo com pessoas que se não tivesse estudado não poderia ter acesso à elas. Às vezes olho para mim e penso, se não tivesse tido essa luz para estudar não existiria hoje, porque a vida dura que levava, já poderia ter morrido. Uma mulher não pode estar capinando, carregando água, cuidando de filho, é um trabalho muito pesado.

Não me considero uma perdedora ou sofredora por ter escolhido a profissão de professora. Procuro ser feliz. Depois de 5 anos voltei a pegar no giz e já ouvi de um aluno, professora a senhora é legal e inteligente. Isso é gratificante, faz a gente se sentir importante.

Elisete, 69 anos/Formação: Contabilidade/ Profissão: Empresária do ramo da moda/auto-costura/ Data da entrevista: 22/02/02

Sou filha do êxodo rural, meus pais moravam na fazenda, meu pai era empreiteiro. Ele era um homem muito culto, saiu de Minas Gerais com a intenção de conquistar Campo Grande, conquistar Mato Grosso. Veio para cá e

foi morar na fazenda e nós nascemos lá, mas ele viu que não tinha chance, então mudamos para Campo Grande. Na fazenda, era meu pai que lia as cartas para as pessoas que eram analfabetas. E no tempo que tinha alguma folga, ele lecionava. Ele era construtor e na hora que tinha tempo, estudava com a gente.

Meu pai era uma espécie de consultor daquela região (Sidrolândia). Minha mãe também trabalhava na roça. Ela era costureira, era bordadeira, fazia costura para o pessoal que morava na região. Minha avó era parteira. Ela fez o parto de mais ou menos 150 crianças. Fazia o parto, ficava com a parturiente, dava remédio, fazia canja de galinha. Enquanto não completavam 20 dias ela não voltava para casa. A gente era um 'poluzinho cultural' dentro daquele mundinho.

Sou formada em contabilidade, meu pai veio para a cidade para a gente estudar. Ele falava, filha de gente pobre, no mato casa com machão. E nós éramos em quatro mulheres. Meu pai sentia que a vida para a mulher no campo seria muito difícil, então veio para a cidade trabalhar de operário. Ele era filiado ao Sindicato dos Operários da Construção Civil, ficava na rua Maracaju e na mesma rua tinha um colégio. A nossa educação veio através do sindicato dos operários. Foi um dos primeiros colégios que tinha merenda escolar. Fomos alunos da professora Conceição Prestes Campitele que era irmã do Luiz Carlos Prestes.

Isso era no período de Getúlio Vargas, mas não me lembro de uma perseguição política para com essa professora. Ela era casada com um maestro. O maestro Campitele, que veio para dar aula em Mato Grosso. Essa professora morava no Rio de Janeiro. Era uma mulher muito culta, e nos dava muitos livros para lermos. A minha irmã com 12 anos, leu *O capital*. Era formação de um sindicato de esquerda. Naquela época não tinha essa história de comunista, também eu tinha apenas 7 anos, não percebia nada. Depois é que a gente foi emendando os reparos. E aí o sindicato passou mesmo para a mão dos

comunistas, que era um tal de Dr. Professor que tomava conta do sindicato (Bissoi), ele era comunista.

Nós fizemos o nosso primário nessa escola. Quando essa professora retornou para o Rio, veio uma outra, que era de Campo Grande, Dona Noemia. Essa última já tinha uma linha diferente e amenizou mais a história. Nós lemos muito e carregamos muito influência da primeira professora. É uma coisa muito boa. A questão da igualdade, do trabalho. Quando era 1º de maio, meu pai vestia um terno, gravata e ia para o sindicato. A gente cantava o hino, era muito bonito. O sindicato da construção civil era muito forte.

Na escola que estudamos tinham negros, era uma escola pública. Era do sindicato, mas a prefeitura ajudava a administrar. Nessa escola não tivemos problema com relação a cor. Depois a gente foi estudar no Colégio Joaquim Murtinho. A Diretora era a Dona Constância de Barros Machado. Ai também tinham muitos negros. Tinha a Irene Arruda, que era professora. Ela era filha do seu Arruda, zelador da escola. Eles eram muito educados e tinham uma chácara na rua 15. O colégio que estudávamos era colégio de pobre, porque as meninas ricas estudavam no colégio Auxiliadora. Quando terminei o ginásio fui para o colégio Osvaldo Cruz e fiz o Curso de Contabilidade. Mas não sofri preconceito. O preconceito existia, mas era velado, só quando fui trabalhar no comércio que senti.

Na época em que estudei já tinham outras mulheres que freqüentavam o mesmo curso que eu. Mas não percebia nenhuma forma de preconceito, agora no trabalho sim, porque ai a disputa é acirrada. No comércio especialmente, no momento em que fui comprar, senti as dificuldades enquanto mulher e enquanto negra. Naquela época para gente trabalhar precisava da autorização marital. A mulher não podia abrir conta em banco. Não podia estudar, só com o documento de identidade e atrás a autorização marital. Até para fazer compras exigiam a autorização marital. Mas isso não me impediu de estudar nem de trabalhar,

porque quando pedia autorização meu marido me dava.

Hoje acho isso um horror, mas naquela época toda mulher tinha que ter autorização marital, por isso eram poucas as mulheres que trabalhavam. Na hora em que eu ia fazer compras para a loja, como negra, era um problema, era só aquelas mulheres riquíssimas, cheia de jóias e brancas que se aventuravam por esse caminho. Uma vez fizeram uma gozação comigo: disseram a Irany reclamou do preconceito de cor e agora pintou o cabelo de louro, então não vai encontrar mais problemas. Mas era complicado, quando ia comprar, ficava lá tomando chá de cadeira, achavam que queria pedir emprego de costureira.

Uma vez estava esperando para comprar e veio um judeu e perguntou o que eu estava esperando, falei quero comprar, ele continuou e ninguém lhe atendeu? Ele era o dono da firma. Eu era corajosa, metia os peitos. Queria o que de melhor tivesse para minha loja. Comprei tudo que queria, abri a 'jibeirinha' e paguei tudo. O cara ficou louco e começou a me apresentar para todo o pessoal. As pessoas que estavam lá ficaram muito envergonhada. Mas eu sabia que era preconceito.

Encontrei mais dificuldades não enquanto mulher, mas enquanto negra. Vejo muitas mulheres que cresceram, que conseguiram vencer. Mas via mais dificuldades para a mulher negra conseguir seu objetivo, embora toda mulher tivesse dificuldade, mas a negra tinha muito mais. Minha irmã, é muito bonita, educada e comedida, é da própria natureza dela. Ela foi em uma loja em São Paulo, pedir emprego e não deram por causa da cor dela. Então não era por ser mulher, mas por ser negra.

Mas analiso isso de outras formas também, por exemplo, se você é negra, mas é competente não encontra grandes dificuldades. Na minha infância, a gente andava limpinha, cabelo bem penteado, caderno limpo, era tudo bonito e minha mãe falava: se o branco fez bem, vocês tem que fazer melhor ainda, para poder ter sucesso. Meu pai falava a mesma coisa. Então seguimos essa teoria

desde criança. A gente sabe que as vagas no mercado de trabalhos são muito poucas. Temos que fazer de tudo para entrar num espaço muito restrito. Como diz o Dr.^o Aleixo, é matar um leão por dia para poder viver.

O meu sonho era ver um colégio na Comunidade São Benedito e fazer acontecer a educação da comunidade, porque acho que a educação ajuda abrir as portas. No caso da creche que tem lá. A criança já sai da creche e se encaminha para o colégio. É como andar de bicicleta, uma vez que aprende andar de bicicleta e tendo a bicicleta, você não quer mais andar a pé. Penso que o negro tem que ter estudo. Por isso sou a favor das cotas. Porque até a 8ª série é fácil, mas depois disso precisa de mais investimento, como leituras, computadores. O negro não pode competir com outros alunos que tem tudo isso.

A educação ajudou muito na minha vida. Não existe espaço para a pessoa que não estuda. No meu trabalho, eu já sinto dificuldades, acho que deveria estudar mais. Aprofundar mais na minha profissão para fazer produtos mais elaborados. Embora tenha gente que diga que no mercado não tem espaço para produtos elaborados, pois o povo prefere mais um estilo brega. Mas tenho vontade de aprofundar nos estudos sobre uma moda mais elaborada.

Berenice, 73 anos/ Formação: Contabilidade e Direito/ Profissão: Contadora e Advogada/ Data da entrevista: 17/04/02

Até aos 9 anos morei na roça e aprendi as primeiras letras com meu pai. A minha mãe era analfabeta, filha de índio. Vim para a cidade estudar, em uma escola do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Imobiliária de Campo Grande. Fiz um ano de estudo na Escola Joaquim Murtinho, e fui trabalhar de lavadeira para poder pagar os meus estudos de contabilidade no Colégio Osvaldo Cruz, e já exerci, então a função de contadora desde 1952, com diploma registrado.

Tenho escritório de contabilidade desde aquela época até agora. Passados 19 anos após ter me formado em Contabilidade, fiz o curso de Direito. Exerço as duas profissões. O meu pai era uma pessoa muito culta e não permitia que agente ficasse sem estudar, dessa forma não encontrei dificuldade para ingressar nos estudos. Nesse período as mulheres escolhiam mais o curso de Magistério, tinham poucas contadoras. Naquela época eu era guarda-livros.

A primeira mulher a ter um escritório de contabilidade fui eu, em 1953, comprei o escritório de contabilidade que era de propriedade de Antônio Mendes Canalles. Com o trabalho na área de contabilidade foi que concluí os estudos. E fui muito bem respeitada, não posso falar que fui barrada em algum lugar pelo fato de ser mulher. Agora, na minha opinião, o problema de raça está mais na falta de estudo e na condição financeira. Tenho parentes negros que tem altos cargos, porque estudaram e tem uma situação financeira regular.

Queria fazer um curso, mas não queria ser professora e para fazer o científico teria que fazer o 3º grau e no momento não tinha condições, tinha que trabalhar, então optei pelo curso de Contabilidade e foi de lá para cá que venho sobrevivendo. Não via problema com a raça e sim pelo machismo que existia, porque todos os contadores eram guarda-livros. A primeira mulher que montou um escritório de contabilidade fui eu. Nessa área existe problema entre homens e mulheres. Geralmente, preferem os homens. Na minha vivência, vejo o problema do racismo como falta de vontade do negro estudar. O negro tem que lutar mais, deixar de ser 'mole' e acomodado. Hoje tem facilidade com esses curso vagos. Eu estudei do 2º até o 3º grau a noite. Trabalhava de dia e estudava a noite.

Tem umas meninas negras bonitas que poderiam estudar, mas não estudam. Tem um colégio bonito na Comunidade São Benedito que é pouco freqüentado. Inclusive, esse Colégio leva o nome do meu pai. Essa inércia do negro tem que deixar de existir. O negro tem que mudar. Talvez toda essa

situação foi porque o negro foi alijado no passado. O negro preferia ser escravo porque tinha comida do que ficar livre sem ter o que comer. Soltaram os negros sem nada. Vem de lá esse problema. O negro foi libertado sem nenhuma pataca no bolso. O que eles iam fazer? Fugir para os quilombos. Com raras exceções, como José do Patrocínio, da escrava Anastácia, aquela gente que lutou e trabalhou.

Na Bahia, a maioria da população é negra e existe 'ns' pessoas que sobressaíram, mas é um dos Estados mais pobres do Brasil. Acho que falta um pouco de luta, de briga. Não sou a favor de cotas, de incentivos para ajudar o negro, porque faltaria a competição. Um exemplo, em um curso de vestibular, quem tirar a melhor nota tem que ser aproveitada, não por ser negro ou branco. Vejo as ações afirmativas como uma maneira de discriminar o negro. Se tenho direito, porque tem que fazer uma lei só para me proteger? Acho que não deveria ter essas leis de proteção. Se não contar a melhor nota no vestibular, outros vão falar, passou porque o governo obrigou.

A mulher tem que lutar, se ela ficar na inércia não vai conseguir nada. A mulher avançou muito, mas precisa avançar mais. Ainda existe o machismo, em muitos empregos ainda preferem os homens, outras vezes, no mesmo emprego que o homem, a mulher ganha menos, isso não está certo. A gente tem que brigar por essas opções. Agora não enfrentei dificuldades por ser preta ou por ser mulher. Eu não ia até as pessoas para oferecer meus serviços, as pessoas é que me procuravam. E quando precisava enfrentar repartições públicas, nunca fui discriminada. Agora as pessoas batem muito na tecla, que a mulher tem que ficar em casa, ou o máximo que ela pode fazer é ser professora. É uma discriminação também, porque professora é uma profissão como outra qualquer.

A mulher negra bonita, só pode ser modelo. Já viu uma ministra negra? Não. Ela pode ser modelo ou atriz. Agora uma mulher branca pode ser tudo. Está melhorando com relação a contratação de atrizes negras. Antes, só faziam

o papel de empregadas. Hoje já aparecem como atrizes principais. Mas ainda são poucos, os negros que se ascendem. E esses que se ascendem ajudam outros negros a melhorar também suas vidas. Muitos negros gostam do Pelé e querem ser jogadores de futebol. Quando ganha muito dinheiro o negro não é mais ridicularizado. No Brasil o racismo depende muito da condição social e do dinheiro. Se for preto e tiver dinheiro, é branco, agora se for preto e pobre, ele é negro. Um negro que batalhou e que estudou é gente, esquece que é negro.

A mulher gosta de cuidar dos outros e por si só escolhe o curso que quer fazer, no caso professora e assistente social, eu e minha irmã fugimos dessa rota. Vejo o salário dos professores como um desrespeito ao sexo. Dizem que é sexo fraco, mas não é. Mulher é o sexo forte.

A educação na minha vida foi tudo. Porque se o preto não estudar, não é respeitado, a não ser que seja jogador de futebol. Nesse último caso é um em um milhão, então é preciso ter sorte. Por isso digo, o negro tem que estudar. A educação contribui para ascensão do negro e só não contribui mais, por causa do próprio negro. Fico a vontade para falar isso porque sou preta. O negro não tem vontade de lutar. Não sei se é por causa das suas origens de negro. Mas eu lutei e estou nessa profissão por causa da educação.

Dolores, 50 anos/ Profissão: Professora e Psicóloga/ Formação: Psicologia e Pedagogia/ Data da entrevista: 27/02/02

Sou descendente de índia com negro, sou cafuza. Meu pai era militar, sargento do exército, faleceu quando eu era muito pequena. Minha mãe foi expulsa da tribo porque não se afinava com os costumes, ela já havia desobedecido os pais quando deixou de se casar com um índio, casou-se com um negro. Quando meu pai faleceu, ela se encantou por um mascate e nasceu um irmão meu e com isso foi expulsa da aldeia. Minha mãe foi cozinheira, era

semi-analfabeta.

Vim para Campo Grande em 1956 e aqui começa toda a minha jornada de trabalho. Ainda muito pequena, fui estudar na Escola General Malã e lá conheci a professora Augusta Gudi, ela me perguntou se gostaria de ser filha dela e disse eu quero, sempre decidi a minha vida, vim morar com Gudi. Ai começa a história do meu aprendizado.

Antes porém fiquei com minha tia, depois fui babá, o que antecedeu minha vinda para casa de Gudi. Fui criada com boa família, tive de tudo mas faltava a questão emocional, ficava sem lugar nesse aspecto. Um dos meus maiores problemas foi apagar as minhas raízes, deixar as minhas origens, meus costumes e valores e aceitar outro modelo de cultura, de conduta, etc. Isso foi o que me atrapalhou um pouco na questão emocional, mas na escola sempre tive um ambiente bom de cultura e aprendizado.

Na minha casa, eram realizadas reuniões da Secretaria de Educação do Estado e da Secretaria Municipal de Educação. Minha mãe era professora pela Prefeitura, Estado e pelo INPS e Dom Bosco. Ela foi uma mulher de muito poder no colégio Dom Bosco. Até 1978 não entrava um professor da faculdade de Direito sem o aval dela. E foi nesse meio de cultura e literatura que fui criada.

Tinha acesso as informações necessárias. E estudar era prioridade. Eu era muito danada, aos 12 anos para os 13 anos, Gudi me levou para dar aula no colégio Dom Bosco, a princípio só para ajudar os professores, como eu era alta, os padres me deram uma sala de aula pensando que tivesse 16 anos, mas eu tinha apenas 13 anos, e comecei a minha vida como professora, primeiro como auxiliar e depois com uma sala de aula e nunca mais parei.

Não tive dificuldade para estudar, fui criada como menina rica, não me privaram de nada nesse sentido, tive até professor particular para ajudar nas matéria que tivesse maior dificuldade. Estudei violão, piano e arte. Fui incentivada para estudar e soube aproveitar esse incentivo. Se não estive nesse meio não

haveria chegado onde cheguei. Nunca me senti rejeitada pela sociedade. Eu é que me colocava uma certa reserva porque não batia com as questões sociais, eu tinha outros valores. Os valores da minha mãe era mais valor externo, roupas, jóias, sapatos, precedentes e os meus valores até hoje são valores internos.

Essa foi a minha dificuldade de entrosamento com Gudi. Estou com 50 anos e minha mãe ainda tenta saber quem sou. Ela ainda não conhece o meu interior. Sempre procuro o meus pares, que tenha a mesma linha de pensamento, a mesma filosofia. Vejo o lado externo da vida como um palco. Se tiver que ir a uma reunião de governo vestida a caráter, vou. Mas o meu dia a dia é a simplicidade, opto por isso. Primo o valor interno, como dignidade, integridade e os valores morais, não o falso moralismo.

O que nos faz diferente é quando assumimos as nossas mazelas, primeiro reconhecemos aquilo que a sociedade tem como negativo, quer dizer as mágoas, as invejas, egoísmo que todo ser humano tem. Quando reconhecemos os erros, eles passam a ser instrumento de trabalho. Recorro a estes mecanismos quando necessito de uma defesa ou para trabalhar uma outra pessoa, caso não, uso a neutralidade, a naturalidade e principalmente a simplicidade.

Minha mãe biológica também me incentivava a estudar, sempre gostei de estudar. Se tivesse um curso e uma festa, se o curso for interessante, escolhia o curso. Um professor dos E.U.A . disse que sou uma gulosa do conhecimento. Esse professor é meio holístico, meio místico, ele disse que sou o n.º 7, que representa a fome do conhecimento. Mas não acumulo conhecimento, repasso, porque é mais um instrumento para ajudar as pessoas que chegam a mim.

Trabalho com o concreto, exemplo, se uma criança não sabe matemática, então qual é problema dessa criança, qual é a dificuldade que leva essa criança a não aprender matemática, então se eu não tiver nada para trabalhar com essa

criança, vou ter as pedras, as madeiras, vou ter bolitas, alguma coisa para ajudar essa criança a trabalhar o concreto, para chamar a atenção dela para o concreto. Uma vez saciado e entendido o concreto, o abstrato, ela apreende rápido, mas é preciso ter esse preenchimento primeiro.

Dessa forma todos os conhecimentos que me chegam, eles não são guardados na íntegra, faço uma síntese desse trabalho e devolvo para fora. Porque o que preciso são das sínteses e não todo aquele conhecimento literário, toda aquela retórica. Só assim a gente consegue ter um vasto conhecimento real, quando você consegue fazer síntese de tudo aquilo que chega até você.

Nunca sofri discriminações por ser negra ou menina na infância, e se passou alguma forma de discriminação foi tão pouco, de forma sutil que para mim foi imperceptível. Talvez tenha encontrado barreiras mais tarde, mas eu rompo barreiras. Alguns obstáculos que enfrentei não os tomo como preconceito porque todo mundo tem essas dificuldades, essas barreiras, depende da sua conduta de como você vê a vida, talvez não tenha sentido preconceitos porque sempre me coloquei como aprendiz da vida. Eu nunca sei, estou sempre aprendendo. Então as dificuldades que encontro vou procurar estudar e buscar as respostas no meu interior, no meu emocional, vou observar a pessoa que de certa forma está me discriminando ou me colocando empecilhos, vou buscar nessa pessoa as razões sem que ela perceba que eu esteja trabalhando isso.

Aqui mesmo no prédio onde moro, logo que mudei para cá, falaram para minha filha que eu era uma negra metida, uma negra prepotente, eu respondi deixa falar porque eles não nos conhece. É comum a humanidade, as pessoas falar do que não vê e julgar o que não sabe. Julga pela aparência, vê uma vez na vida e acha que já conhece. Para se conhecer uma pessoa a gente tem que conviver com ela, ver as idéias dela, conhecer o pensamento, a linha de raciocínio, analisar a conduta dessa pessoa. Não posso sair por aí julgando alguém sem observar a conduta dessa pessoa, ver se ela é coerente com sua

própria vida, com aquilo que ela diz. A maioria das pessoas não observa essa conduta e vai julgando. Isso retrata bem o nível de ignorância. Hoje essas mesmas pessoas me tratam muito bem. Falam, óh minha negra linda! Quer dizer mudou o contexto, porque não me deixei atingir pela ignorância boba e ensino minha filha a não entrar nessas dinâmicas. Sempre digo, temos que ter olhos de ver, ouvidos de ouvir, sensibilidade para sentir e coração para discernir e a mente para organizar.

Quando criança, queria ser doutora, lembro desse fato porque uma vez estava brincando no elevador de um apartamento no Rio de Janeiro, onde minha família estava parando, e tinha seu Manoel ascensorista que falava assim: não vai ficar brincando nesse elevador social. Era uma discriminação que não levei a sério, quem tomou as dores foi minha mãe. Eu disse sim, eu posso sim. Ele falou, então você é doutora? Falei não sou, mas vou ser. Ele perguntou do que? Respondi, que cuida de cabeça dos outros, nem sabia de que ramo era isso, mas sabia que não morreria pobre. Sei que tenho que continuar trabalhando da mesma forma e as coisas me chegam naturalmente. Não sou ambiciosa por dinheiro, por status social, mas já tenho uma posição. Desde pequena, sempre tive claro na minha cabeça, vou ser alguém. Hoje trabalho na área de psicologia, da pedagogia e com relações humanas. Dou cursos, sou palestrante, conferencista. Invisto na educação, porque sei que problema da humanidade está na educação. Nela se encerra todos os trabalhos. Para ser médico, precisa da educação, para ser engenheiro precisa da educação. O 'ser' precisa de educação. Nada foge da educação. Por isso estou nessa área.

Sempre busquei ultrapassar as minhas barreiras, as pessoas que me parecem antipáticas, me coloco no lugar delas e vejo, como é que me sentiria se outra pessoa me olhasse de outra forma. A gente tem que olhar o todo. Na minha turma, eu era a única negra e sempre fui muito ativa. A minha madrinha que me criou já era professora. Eu sempre vi muitas mulheres estudando. Vim

de um meio em que todas as mulheres tinham formação, eram professoras com nível universitário.

As pessoas que faziam parte do meu ambiente familiar e social eram médicos, militares, advogados. Na época ser professor era importante. Professor ganhava relativamente bem, o salário sempre era menor, mas era suficiente. O professor tinha condições de educar seus filhos. Hoje um professor não forma seu filho, olha a defasagem. Hoje as pessoas tem vergonha de serem professores. A história da pedagogia demonstra que eram, as babás que cuidavam das crianças e lhes ensinavam as primeiras letras. As babás, ensinavam as cantigas, ensinava o básico, porque as mães não podiam fazer esse trabalho, pois estas eram as condessas, as baronesas.

Ao decorrer do tempo isso foi tomando vulto e a formação primária ficou a cargo das mulheres, mas tarde passaram para os homens, geralmente padres. Depois as mulheres sentiram a necessidade de se organizar e fazer disso um curso. Começaram a estudar pedagogia, até que chegou na formação da pedagogia. Teve uma época que isso era muito importante. Um pedagogo era o supra suma da educação. Hoje é diferente, a pedagogia está mais voltada para a administração escolar, para a organização do que propriamente para a orientação das crianças. Está se criando um novo pensamento de educação e estou nessa militância para ajudar a resgatar, antes de tudo o ser humano, educar o professor, porque o professor está tendo muita informação, mas o ser enquanto professor/professora está muito abandonado.

Os professores estão estressados, em depressão porque estão desesperançados. Tem professores que fazem o curso de pedagogia só para ter um salário, uma ajuda, um 'quebra-galho', ocorrendo qualquer dificuldade, esse professor pode dar uma aula mas não como uma profissão de respeito e respaldo. Muitos professores fazem a faculdade para melhorar o salário. Não estão imbuídos em fazer essa faculdade para renovar a educação. Olha-se mais

para o lado financeiro, quais benefícios vão ter. Parto do seguinte princípio, tenho que gostar do que faço e não fazer o que gosto. Essa é a grande diferença que tem que ser vista, isso não é só na educação, é em todas as profissões. Não vemos mais profissionais de grande destaque, ou um grupo de profissionais de destaques porque a educação enfraqueceu muito. O profissional não está dando o real valor naquilo em que estão trabalhando.

Com relação a mulher, já ouvi muito sobre qual o seu papel na sociedade. Indico muito o filme Maria mãe de Jesus que retrata bem a mulher. Maria foi a primeira mulher que tinha conhecimento real das leis da natureza e das leis da humanidade. Mostra a mulher educando, ela que orientou Jesus nos seus primeiros passos. Jesus falava por parábolas, eram parábolas que ela dizia para ele. Mas isso sempre ficou escondido da mulher. Falam mais de José, dos reis, dos faraós, aquele povo todo, tirando a mulher do contexto. Esse filme vem mostrar o trabalho da mulher através do enfoque do valor de Maria. Maria entendia a dinâmica de grupo e a dinâmica familiar. Isso muitas mulheres não consegue entender, por exemplo, muitas mulheres não consegue separar o trabalho do marido dos problemas domésticos. Quando chega no trabalho do marido ela se coloca como dona e não é. Ali é uma dinâmica de grupo.

O papel da mulher é ser orientadora e não condutora, a mulher é a bússola da família, ela que orienta e traça a meta, mas a condução para a meta é do homem. O que ocorre é que a mulher quer orientar e conduzir sem nenhum preparo e depois acaba jogando tudo na mão do homem, dizendo você é quem sabe, você é quem é o chefe da família.

É a mulher quem instala no seio da família, o princípio religioso, o princípio cultural, o gosto pelos próprios utensílios, o folclore, tudo está na mão da mulher, e isso infelizmente a mulher não percebe. A cozinha, por exemplo, a mulher que abandona a cozinha está se abandonando, e por isso temos muita gente doente, porque a mulher de hoje não está mais tendo tempo para cuidar

da alimentação.

Trabalho com dinâmica de grupo com mulheres, porque ela já traz em si essa dinâmica, porque ela gesta. Quando ela gesta, ela não é mais só ela, é ela mais um outro ser que carrega em seu ventre, e já está estabelecido aí, uma dinâmica de grupo. Infelizmente essa dinâmica de grupo nos foi tirada, então, temos que requalificar o trabalho de dinâmica de grupo que ficou na mão dos homens. Essa dinâmica era tão natural que a mulher nem percebia, exemplo, o fogão de lenha, todos se reuniam para conversar. Em uma casa, o reduto de poder é a cozinha. A mulher ainda não aprendeu a usar a sala para conversar, geralmente quando tem algo sério para discutir, leva para o quarto. Outras querem imitar os homens, indo para os bares, mas o que essa mulher discute lá, o namorado, a calcinha e sutiã que o homem desenha para a gente usar. Veja, até da nossa intimidade, quem toma conta são os homens. Por exemplo, os pingentes, desenhado por homens trabalha a nossa sexualidade, porque “acaricia o pescoço”. Quais as intenções deles? Isso temos que parar para pensar.

Quanto a inserção ao mercado de trabalho, não tive dificuldades, comecei com 13 anos, dando aula no Colégio Dom Bosco, depois fui funcionária da prefeitura e por ter muita facilidade, acabei me rebelando, porque houve um momento que parei para pensar, quem eu era? Sentia falta de lutar por aquilo que queria, então fui a luta.

Com relação a gênero e a cor, isso influencia na vida das pessoas, porque somos um país atrasado, somos aculturados, não temos uma cultura própria, somos um povo muito ignorante no que diz respeito a emoção. A gente fala assim, não sou racista, não sou preconceituoso, mas não se mistura com determinadas pessoas e julga muito. O julgamento é diferente de uma crítica. Isso é apelar para o emocional, atinge muitas pessoas. Mas agora quando faço uma crítica, isso eleva a pessoa ao nível mental. O que ocorre no Brasil é que

estamos preso na emoção. Por isso é difícil se chegar a uma lógica. Estamos vivendo ainda no período 1.700 a 1.800, período dos maiores ideólogos, estamos revivendo essa ideologia, porque ainda não passamos para o concreto, apenas na tentativa de concretizar.

A mulher está muito presa a estética do que a ética, fica presa no como vai ser feito, mas não questiona para que, porque e qual a necessidade disso. Nós não trabalhamos bem dentro de nós a nossa própria diferença. Aqui, nós temos muitas raças. Muitas culturas misturadas, um grupo com vários subgrupos culturais. O negro não assumiu muito a sua cultura, como exemplo a macumba, porque ficou macumba, porque o negro não podia exercitar a sua cultura com tranquilidade. Primeiro foi a própria estrutura de poder que dominou os negros e isso os mantém preso ao que chamo de 'carma racial'. O negro tem que vencer esse carma racial, assim como o judeu. São carma das diferenças e como nos foi retirado a capacidade de alimentação, de expressão de cultura, fomos privados da nossa própria sexualidade, da nossa própria individualidade, fomos tratados como animais, isso dificultou muito a ascensão do negro. Eu também passei por isso e consegui sair da letargia, do estado de que negro não pode, que negro não aprende, que negro é uma raça de 4ª categoria. Eu digo que não, porque se um negro tiver oportunidade (alimentação, livros, auto-estima), mesmo na periferia o negro vence. Mas o negro precisa do básico. Nós podemos tudo, eu sou o que quis ser.

Escolhi a minha profissão, sempre tive a minha vida na minha mão e paguei um alto preço por isso. Não me deixo levar pelo que as pessoas acham que é o correto para mim. Isso foi uma das grandes dificuldades que tive com minha mãe. Minha mãe queria me manter dentro do que ela achava que era certo. Só que isso era certo para ela, porque vinha de outra geração, de outra cultura, de outra raça. Mas a minha visão de mundo é diferente da visão de mundo dela.

Com relação a mulher, a gente não aprendeu a confiar na outra. O homem desde os primórdios já se utilizava da confiança um no outro. Para caçar, confiava sua retaguarda no companheiro. Assim eles também desenvolveram o raciocínio e a matemática. Agora a mulher fica enfiada dentro de casa, costurando, cozinhando ou olhando os defeitos da outra, fazendo elucubrações. Existe falta de comprometimento, de darmos as mãos. A mulher negra se apega a religião, diz é porque Deus quer, porque o padre falou. Às vezes o discurso do negro é inflamado, cheio de raiva. Corremos o risco de sermos mais cruéis do que os brancos foram conosco.

Toda mulher tem uma dor que é de todas, que é a dor do desrespeito, do abandono e a dor do descaso. A mulher não aprendeu a se respeitar. A mulher negra é linda, só que não descobrimos o nosso real valor. Essa beleza negra deve ser analisada dentro da sua própria cultura e na sua própria etnia.

BIBLIOGRAFIA

ALBORNOZ, Suzana & CARRION, Conceição. *Na condição de mulher*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.

BANTON, Michael. *Race: Dictionary of race and ethnic relations*. London: Routledge, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres - do renascimento à idade moderna*. São Paulo, Ebradil, 1991.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Vol. 02. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *O protesto negro*. São Paulo em perspectiva, vol. 2, n.º. 2, abril/junho 1988, p. 15-17.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Layola, 1996.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 18ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GUILLAUMIN, Colette. *Race et nature*. In: *sexe, race et pratique du pouvoir: l' idée de nature*. Paris: Côté-Femmes Éditions, 1992.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. *Relações raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

IANNI, Octavio. *As metamorfose do escravo*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

IBGE - Anuário Estatístico, 1992/1999.

IDH/PNUD - Índice de Desenvolvimento Humano & Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de S. e SANCHES, Odécio. *Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?* Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, 1993.

_____. (Org.) *Pesquisa Social: teoria método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOTA, Myriam Becho e BRAICK. *História das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo, 1997.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

NESTURKH, Mikhail. *As raças humanas*. Lisboa: Arcádia, 1978.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio*. Revista Pro-Posições/UNICAM. Vol. 7, n.º 3, nov., 1996, p. 19-20.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women: Notes on the political economy of sex*. In: R. Reiter, (ed), *To Ward an Anthropology of women*. Nova York: Monthly Review Press, 1975.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: S. O. S. Corpo, 1996.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos?* Petrópolis: Vozes, 1999.

VIEZZER, Moema. *O Problema não está na mulher*. São Paulo: Cortez, 1989.